



INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC



ed.29

NOVEMBRE/2023



INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC

**ed.29**

NOVEMBRO/2023



**INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 29ª ed. Novembro/2023. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de  
Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 29ª ed. Novembro/2023  
Florianópolis-SC

**PERIODICIDADE MENSAL**

Texto predominantemente em Português,  
parcialmente em inglês e espanhol.  
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



# INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

## EXPEDIENTE

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC**

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela  
EDITORA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

**Contato: (48) 99175-3510**

**<https://www.integralize.online>**

### **Diretor Geral**

Luan Trindade

### **Diretor Financeiro**

Bruno Garcia Gonçalves

### **Diretora Administrativa**

Vanessa Sales

### **Diagramação**

Balbino Júnior

### **Conselho Editorial**

Marcos Ferreira

### **Editora-Chefe**

Dra. Vanessa Sales

### **Editor**

Dr. Diogo de Souza dos Santos

### **Bibliotecária**

Rosangela da Silva Santos Soares

### **Revisores**

Dr. Antônio Jorge Tavares Lopes

Dra. Arethusa Karla A. Cavalcanti

Dr. Tiago Moy

Dra. Gleice Franco Martins

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC  
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela  
EDITORA INTEGRALIZE.  
Florianópolis – SC  
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005  
Contato (48) 4042 1042  
<https://www.integralize.online/acervodigital>

**EDITORA-CHEFE**  
Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de  
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC



# LETRAS, LINGÜÍSTICA E ARTE

LETTERS, LINGUISTICS  
AND ART

**NOVEMBRO – LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTE****A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DOS PROFESSORES NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO.....08**

Autora: **Juberlita Maria da Silva Soares**

Orientador: **Magno Henrique Constantino**

THE IMPORTANCE OF TEACHER QUALIFICATION IN THE LITERACY CYCLE.

LA IMPORTANCIA DE LA CALIFICACIÓN DOCENTE EN EL CICLO DE ALFABETIZACIÓN.

**O CAMINHO DE CONSTRUÇÃO PARA A LEITURA E ESCRITA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....13**

Autora: **Juberlita Maria da Silva Soares**

Orientador: **Magno Henrique Constantino**

THE BUILDING PATH FOR READING AND WRITING IN THE 1ST YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL

EL CAMINO DE CONSTRUCCIÓN PARA LA LECTURA Y LA ESCRITURA EN EL 1er AÑO DE ESCUELA PRIMARIA

**A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO: O USO DE DIVERSOS MÉTODOS.....21**

Autora: **Juberlita Maria da Silva Soares**

Orientador: **Magno Henrique Constantino**

THE ACQUISITION OF READING AND WRITING IN LITERACY: THE USE OF VARIOUS METHODS

LA ADQUISIÓN DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA EN LA ALFABETIZACIÓN: EL USO DE VARIOS MÉTODOS

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM AS DEMAIS ÁREAS DO CONHECIMENTO .....27**

Autora: **Andreia Arleide Alves de Lima**

THE IMPORTANCE OF TEACHING ART AT SCHOOL AND ITS RELATIONSHIP WITH OTHER AREAS OF KNOWLEDGE

LA IMPORTANCIA DE ENSEÑAR ARTE EN LA ESCUELA Y SU RELACIÓN CON OTRAS ÁREAS DEL CONOCIMIENTO

**A ARTE COMO METODOLOGIA EDUCATIVA.....37**

Autora: **Andreia Arleide Alves de Lima**

ART AS AN EDUCATIONAL METHODOLOGY

EL ARTE COMO METODOLOGÍA EDUCATIVA

**ARTE-EDUCAÇÃO: A RELEVÂNCIA DA ARTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....48**

Autora: **Andreia Arleide Alves de Lima**

ART EDUCATION: THE RELEVANCE OF ART IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

EDUCACIÓN ARTÍSTICA: LA RELEVANCIA DEL ARTE EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE



## A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DOS PROFESSORES NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO.

THE IMPORTANCE OF TEACHER QUALIFICATION IN THE LITERACY CYCLE.

LA IMPORTANCIA DE LA CALIFICACIÓN DOCENTE EN EL CICLO DE ALFABETIZACIÓN.

Juberlita Maria da Silva Soares

juberlitas@gmail.com

SOARES, Juberlita Maria da Silva. **A importância da qualificação dos professores no ciclo de alfabetização.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.29, p. 08 – 12, novembro/2023. ISSN/2675 – 5203.

**Orientador: Magno Henrique Constantino**

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a importância da qualificação dos professores no ciclo de alfabetização. Os profissionais precisam ter conhecimento do que vai ensinar, para isso precisam ter uma boa formação. É preciso qualificação dos educadores para que os educandos não se tornem apenas “depósitos”, muitos educadores acham que quanto mais encherem seus alunos de conteúdo, melhor será a educação. Estimular a formação dos professores na rede de ensino é estimular é apostar em uma educação de qualidade, quando esses professores têm em mãos práticas inovadoras, com certeza o trabalho em sala de aula é mais produtivo, sem contar que os rendimentos escolares com a formação vêm logo em seguida.

**Palavras chave:** alfabetização; professores; alfabetização.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of teacher qualifications in the literacy cycle. Professionals need to have knowledge of what they are going to teach, so they need to have good training. Educators need to be qualified so that students do not just become “deposits”. Many educators think that the more they fill their students with content, the better the education will be. Stimulating the training of teachers in the education network is encouraging and investing in quality education, when these teachers have innovative practices in hand, work in the classroom is certainly more productive, not to mention that school income from training comes shortly thereafter.

**Keywords:** literacy; teachers; literacy.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la importancia de la cualificación docente en el ciclo de alfabetización. Los profesionales necesitan tener conocimiento de lo que van a enseñar, por eso necesitan tener una buena formación. Los educadores necesitan estar cualificados para que los estudiantes no se conviertan en simples “depósitos”, muchos educadores piensan que cuanto más llenen de contenidos a sus alumnos, mejor será la educación. luego en seguida.

**Palabras clave:** alfabetización; profesores; literatura.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo revisar a literatura sobre a formação dos professores no ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental I. A formação dos profissionais, vai possibilitar um leque de novos horizontes e com certeza o professor não verá a concepção bancária como inimiga do seu crescimento e desfavorecimento da aprendizagem das crianças. Estimular a formação dos professores na rede de ensino é estimular é apostar em uma educação de qualidade, quando esses professores têm em mãos práticas inovadoras, com certeza o trabalho em sala de aula é mais produtivo, sem contar que os rendimentos escolares com a formação vêm logo em seguida.

As políticas para formação continuada de professores alfabetizadores, precisam estar articuladas com outras políticas educacionais, visto que cada criança é única e tem seu tempo

de aprender. Diante disso, vemos a necessidade de uma formação continuada onde a criticidade também tenha vez, pois a prática precisa andar juntamente com a teoria e não cada uma por si só. É através da formação dos professores que virão os benefícios e atenção a tudo que envolve a sala de aula. Não só as habilidades que as crianças conseguiram e conseguem desenvolver, mas, também suas emoções, seus medos e suas preocupações.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES

De acordo com a lei nº 9394/96, que rege o Sistema de Educação Nacional a formação de docentes para atuar na educação básica seja feita em nível superior em curso de licenciatura, abrindo-se exceção à formação mínima de nível médio, na modalidade normal, para o exercício do magistério na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º). Para a docência em nível médio, é determinada a formação superior. Na última década, para atuar na educação básica, foram somente admitidos professores habilitados na formação no nível superior ou formação dos professores em serviço. Segundo afirmações de Kleiman (2002), é preciso ter paixão pela leitura, para formar leitores. Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, aquilo que não traz sentido.

As muitas práticas dos professores sobre leitura são práticas desmotivadoras “elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar português, entendimento este tradicional legitimado tanto dentro como fora da escola”. (KLEIMAN, 2002, p.16).

O professor tem que romper as primeiras barreiras que é a resistência do próprio aluno em desvendar o verdadeiro significado da leitura. Quando um professor recém-formado chega à escola e encontra essas barreiras acabam desistindo, pois não está apto para essa mudança “por isso, acreditamos na formação teórica do professor na área da leitura” (KLEIMAN, 2002, p. 17).

O professor precisa entender que a construção da leitura e escrita é um processo pessoal. Daí que o mesmo precisa se colocar no ponto de vista do aluno, procurando compreender o que é essencial na construção da escrita.

Nesse contexto, o professor é o mediador entre a criança e o objeto de conhecimento, nesse processo de mediação, o professor não é sozinho o possuidor da transmissão do conhecimento. A intervenção do professor tem que ser planejada, exigindo um conhecimento do processo de construção, assim podendo identificar o que a criança já sabe e como pensa como vê a escrita.

Não simplesmente aplicar métodos, nem tampouco estar na sala de aula como uma pessoa para estar com os alunos. Esse profissional precisa ser conhecedor de práticas que motivem seus alunos, dependendo das circunstâncias que estes vierem a estar no momento. O professor como mediador precisa ter consciência que seu papel não é simplesmente “dar lições e corrigir erros”. Ele precisa estar atento a todas as possibilidades que a criança venha a compreender do que seja ou não um “erro”.

A mediação requer um profissional certamente seguro, sendo capaz de ajudar a criança a construir seus conceitos independentes dele, dando assim à criança uma situação de segurança para poder avançar em suas próprias construções.

Quando a criança está estimulada, com certeza será capaz de aprender. O professor que trata o aluno como ser capaz, pensante, inteligente e ativo. Está, certamente, acreditando no potencial do aluno buscando analisar, compreender e valorizar os resultados que o aluno consegue obter. Podemos então, dizer que quando tudo isso vai bem, com certeza as metodologias e resultados serão imediatamente positivas.

Nas atuais práticas de leitura e escrita realizadas pelos profissionais em sala de aula não atendem ao objetivo básico que é formar leitores e escritores. Mesmo com o esforço dos professores, a leitura e escrita não estão tendo um avanço de compreensão do que seja realmente a leitura e escrita. Daí, que começa o problema, a formação dos profissionais da educação. Os profissionais precisam ter conhecimento do que vai ensinar, para isso precisam ter uma boa formação.

É preciso qualificação dos educadores para que os educandos não se tornem apenas “depósitos”, muitos educadores acham que quanto mais encherem seus alunos de conteúdo, melhor será a educação.

Nesse contexto, a formação dos profissionais, vai possibilitar um leque de novos horizontes e com certeza o professor não verá a concepção bancária como inimiga do seu crescimento e desfavorecimento da aprendizagem das crianças.

### **Políticas Públicas Educacionais**

A formação dos professores é um velho tema que se repercute por vários anos, gerando discussões em busca de soluções que precisam ser tomadas. Sendo as políticas educacionais as mais debatidas nas formações dos professores de pedagogia. Nessas formações, os principais enfoques são: o verdadeiro papel do educador no cenário educacional, busca por melhores condições de trabalho, desprestígio de alguns cursos de licenciaturas a que vem ocasionar a degradação do docente e falha na distribuição dos cursos para a formação continuada.

Diante desses problemas que envolvem a formação do professor, torna-se visível que esta formação demore a acontecer, pois quando se muda de governo, vem uma nova política educacional, mudando as diretrizes educacionais, tornando cada vez mais a formação não atraente, devido também aos baixos salários.

O ensino de qualidade exige professores qualificados constantemente. “De acordo com o Censo Escolar de 2010, há apenas 1.156 doutores atuando no Ensino Fundamental, o que significa 0,08% do total” (FERNANDES, 2012, p. 74). Todo cidadão, seja ele na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio ou superior, merece ter professores qualificados, com alto grau de excelência. Quando se tem uma qualificação, os professores modificam o seu trabalho através de práticas pedagógicas e estratégias didáticas.

Assim, reter profissionais que investem continuamente na formação é outra dificuldade das redes. Ao obter a titulação de mestre ou doutor, os professores tendem a migrar para o Ensino Superior” (FERNANDES, 2012, p.74). Esses professores migram para as universidades por oferecerem melhores condições de salários e de trabalho. Dessa forma:

Para mudar esse quadro, o presidente do CNE considera que as redes de ensino precisam estimular a formação continuada. Entre as medidas possíveis estão a oferta de liderança remunerada e de bolsas de estudo, a flexibilização da carga horária e a

possibilidade de afastamento temporário. Há redes públicas em que os planos de carreira preveem auxílios como esses, embora seja comum a demora na concessão. (FERNANDES, 2012, p.74)

Estimular a formação dos professores na rede de ensino é estimular é apostar em uma educação de qualidade, quando esses professores têm em mãos práticas inovadoras, com certeza o trabalho em sala de aula é mais produtivo, sem contar que os rendimentos escolares com a formação vêm logo em seguida.

### **Pacto Nacional pela Educação na idade Certa (PNAIC)**

O PNAIC é um programa do Governo Federal instituído em 2012, para amenizar problemas relacionados à leitura e escrita de crianças que ainda não foram alfabetizadas na idade certa. O Programa tem como foco principal os três anos iniciais do Ensino Fundamental I. A ênfase do PNAIC é a leitura e escrita.

O PNAIC passa a compor uma política educacional sistêmica que parte de uma perspectiva ampliada de alfabetização, trabalhando a Alfabetização na Idade Certa, a melhoria da aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental, bem como a inclusão da Educação Infantil garantindo as perspectivas e as especificidades do trabalho de leitura e escrita com as crianças. (BRASIL, 2017, p. 5)

Dessa forma, a formação continuada de professores alfabetizadores tem uma apresentação estruturada como o principal eixo para superar os problemas de alfabetização na idade certa das crianças. Na formação foram definidos os materiais, conteúdos e objetivos acerca dos direitos de aprendizagens que as crianças em ciclo de alfabetização deveriam conseguir ao término do ciclo. O PNAIC é composto por oito cadernos, estruturados em três seções cada um, com diretrizes que procuram conciliar teoria e prática.

As escolas participantes recebiam caixas de livros paradidáticos e jogos desenvolvidos por universidades para realizar leituras e fomentar a prática da leitura e escrita dos alunos.

Nos encontros presenciais, os alfabetizadores saíam com inúmeras descobertas para conseguir colocar em prática jogos matemáticos e formas de abordar determinados conteúdos.

As políticas para formação continuada de professores alfabetizadores, precisam estar articuladas com outras políticas educacionais, visto que cada criança é única e tem seu tempo de aprender. Diante disso, vemos a necessidade de uma formação continuada onde a criticidade também tenha vez, pois a prática precisa andar juntamente com a teoria e não cada uma por si só.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é a formação dos professores que darão suporte para que eles consigam ajudar seus alunos a superarem dificuldades de aprendizagem. É a formação que fará o professor buscar meios e técnicas para aperfeiçoar suas práticas de ensino, principalmente quando se tem relação com a leitura e escrita. Nesse contexto é preciso capacitar melhor os professores dando-lhes suporte e conhecimento teórico e prático para que o ensino aprendizagem aconteça realmente no contexto escolar.

É através da formação dos professores que virão os benefícios e atenção a tudo que envolve a sala de aula. Não só as habilidades que as crianças conseguiram e conseguem desenvolver, mas, também suas emoções, seus medos e suas preocupações. Dentro da formação, os professores ficarão mais atentos às possibilidades de fracasso que seus alunos poderão sofrer, e as situações em que o professor deve interferir positivamente para ajudar seus alunos a não sofrer ainda mais dificuldades. Dentro dessa formação o que mais importa é o bem estar e o aprendizado do aluno, dentro da realidade que se vive, possibilitando um crescimento de aprendizagem que será percebido através das atividades realizadas e do envolvimento que essa criança começará a mostrar dentro da sala de aula como suas atitudes em relação a seu redor, mostrando-se capaz de ser criança e cidadão em um mesmo momento.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 6023:2018 informação e documentação: referências; elaboração. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: 3021f721-5be8-4e6d-951b-fa354dc490ed (ufpe.br). Acesso em: 30 de junho de 2023.
- BRASIL. PNAIC em ação 2016: documento orientador das ações de formação continuada de professores alfabetizadores em 2016. Brasília: SEB/MEC, 2016.
- BRASIL. Governo Federal. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Documento Orientador. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: 2017a. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/index.php>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.
- BRASIL. LEI Nº 9394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 22 de agosto de 2023.
- FERNANDES, Elisângela. Eles são a exceção. Revista Nova Escola, São Paulo, nº 251, p. 74-75, abr. 2012.
- KLEIMAN, Ângela. A concepção escolar da leitura. Oficina de Leitura. 9 ed. São Paulo: Pontes, 2002a.

**O CAMINHO DE CONSTRUÇÃO PARA A LEITURA E ESCRITA NO 1º ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**  
**THE BUILDING PATH FOR READING AND WRITING IN THE 1ST YEAR OF  
ELEMENTARY SCHOOL**  
**EL CAMINO DE CONSTRUCCIÓN PARA LA LECTURA Y LA ESCRITURA EN EL 1er  
AÑO DE ESCUELA PRIMARIA**

Juberlita Maria da Silva Soares  
juberlitas@gmail.com

SOARES, Juberlita Maria da Silva. **O caminho de construção para a leitura e escrita no 1º ano do Ensino Fundamental**. Revista International Integralize Scientific, Ed. n.29, p. 13 – 20, novembro/2023. ISSN/2675 – 5203.

**Orientador: Magno Henrique Constantino**

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo revisar a literatura sobre o caminho de construção para a leitura e escrita no 1º ano, buscando um melhor aprofundamento na trilha da construção para se chegar ao ponto certo da alfabetização. Percebe-se que a leitura é peça fundamental para nossa convivência em sociedade. Os níveis são quatro: No nível pré-silábico, a criança não estabelece vínculo entre a fala e a escrita e tem leitura global: só ela sabe o que quis escrever. Quando o aluno começa a perceber que é preciso usar mais de uma letra para formar as sílabas está no nível silábico, nessa fase o alfabetizando começa a compreender o som das palavras. Porém, não tem formado a hipótese alfabética, surgindo muitas dúvidas na hora de escrever. Ele está usando letras para formar palavras as palavras corretas, vemos que as letras das palavras não são aleatórias, são letras que fazem parte da palavra. A leitura e escrita precisam ser levadas em consideração em todos os níveis, pois está usando diferentes lógicas para a construção do seu conhecimento.

**Palavras chave:** Leitura. Escrita: Construção.

### ABSTRACT

This article aims to review the literature on the construction path for reading and writing in the 1st year, seeking a better understanding of the construction path to reach the right point of literacy. It is clear that reading is a fundamental part of our coexistence in society. There are four levels: At the pre-syllabic level, the child does not establish a link between speech and writing and has global reading: only he knows what he wants to write. When the student begins to realize that it is necessary to use more than one letter to form syllables, they are at the syllabic level, at this stage the literacy student begins to understand what the sound of words is. However, the alphabetical hypothesis has not been formed, resulting in many doubts arising when writing. He is using letters to form the correct words, we see that the letters in the words are not random, they are letters that are part of the word. Reading and writing need to be taken into consideration at all levels, as you are using different logics to build your knowledge.

**Keywords:** reading; writing: construction.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo revisar la literatura sobre el camino de construcción para la lectura y la escritura en el 1er año, buscando una mejor comprensión del camino de construcción para llegar al punto justo de alfabetización. Está claro que la lectura es parte fundamental de nuestra convivencia en sociedad. Hay cuatro niveles: En el nivel presilábico, el niño no establece un vínculo entre habla y escritura y tiene una lectura global: sólo él sabe lo que quería escribir. Cuando el estudiante comienza a darse cuenta que es necesario utilizar más de una letra para formar sílabas, se encuentran en el nivel silábico, en esta etapa el alfabetizador comienza a comprender el sonido de las palabras. Sin embargo, la hipótesis alfabética no se ha formado, por lo que surgen muchas dudas a la hora de escribir. Está usando letras para formar palabras las palabras correctas, vemos que las letras de las palabras no son aleatorias, son letras que forman parte de la palabra. La lectura y la escritura deben tenerse en cuenta en todos los niveles, ya que se utilizan diferentes lógicas para desarrollar el conocimiento.

**Palabras clave:** Lectura. Redacción: Construcción.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo revisar a literatura sobre o caminho de construção para a leitura e escrita no 1º ano, buscando um melhor aprofundamento na trilha da construção para se chegar ao ponto certo da alfabetização.

A construção para chegar ao nível de leitura e escrita é uma ponte que precisa estar sólida de conhecimentos novos e antigos, fazendo a construção bastante propícia ao aprendizado. Nesse caminho de construção temos bastante obstáculos, mas é nessa dificuldade que tornamos o caminho seguro para as próximas etapas do caminho escolar.

## A LEITURA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Percebe-se que a leitura é peça fundamental para nossa convivência em sociedade. Ela nos faz descobrir janelas abertas que antes eram totalmente fechadas. Descobrir a leitura é descobrir um mundo só nosso, repleto de sensações e emoções, tornando-se momentos indescritíveis.

A criança só começa a ler quando descobre o mundo que está ao seu redor e quando consegue compreender o significado da leitura no meio em que vive, em suas definições e sentidos. Diante disso, nos questionamos acerca do entendimento da leitura para os profissionais, será que os professores compreendem o sentido da leitura para a criança na fase de alfabetização?

Assim não podemos esquecer que:

A escolha de como se ensina deve estar então, relacionada à compreensão de como a criança aprende e também ao entendimento de que na prática da alfabetização há pessoas (professores e alunos, adultos ou crianças) que são criadoras de cultura e que são criadas na cultura. (KRAMER, 2010, p. 100).

Conforme Kramer (2010) ler envolve habilidades que vão desde a capacidade de codificação, compreensão e posicionamento diante dos textos que surgem na sua frente. Significando dizer que só se aprende a escrever quem vai além do processo de decodificação.

As produções espontâneas das crianças são verdadeiros documentos que precisam ser interpretados para enfim ser avaliada. Aprender a ler essas produções requer atitude teórica, para podermos enxergar qual a compreensão que a criança tem do sistema e poder ajudá-la na construção da linguagem.

Nessa perspectiva,

[...] a escrita segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas. Aí, podem ser distinguidos três grandes períodos no interior dos quais cabem múltiplas subdivisões:

- Distinção entre o modo de representação icônico e o não- icônico.
- A construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo).
- A fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). (FERREIRO, 1987, p.18)

Para Ferreiro (1987), no primeiro período, há a distinção entre o desenhar e o escrever, o desenho está no domínio icônico, e a escrita no domínio não icônico. No segundo período, busca-se a diferenciação entre as escritas. Nesse período, as crianças usam variações quantitativas que vem ser a variação na quantidade de letras de uma palavra para a outra, usando também o eixo qualitativo que vem ser a variação no repertório de letras de uma palavra para a outra, sem modificar a quantidade de letras. No terceiro período, a criança começa a perceber que as letras têm valores sonoros, descobrindo que a sílaba não é considerada uma unidade.

Diversas práticas nos levam a perguntar que tipo de método a criança introduz a língua escrita. Muitas práticas vêm a levar a criança à convicção que o conhecimento só pode ser obtido através da boca dos outros. Há práticas que vem a levar a criança a ficar fora do conhecimento, apenas como receptor mecânico, sem ao menos encontrar respostas aos seus “porquês”. Daí que:

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em um certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que os métodos em si) que têm efeitos mais duráveis a longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros.(FERREIRO, 1987, p.31)

A confusão entre escrever e desenhar letras é uma tarefa difícil de esclarecer, pois se apoiam em uma visão que a cópia e a repetição são modelos para se obter bons resultados. As crianças copistas não compreendem a construção do que estão copiando.

As crianças vivem rodeadas de vários estilos e tipos gráficos de letras. Assim, “a criança vê mais letras fora do que dentro da escola: a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizada a copiar, mas nunca de forma pessoal”. (FERREIRO, 1987, P. 38).

Ana Teberosky foi a primeira a fazer uma experiência pedagógica baseada em três ideias fundamentais.

- a) Deixar entrar e sair para buscar informação extra- escolar disponível, com todas as consequências disso;
- b) O professor não é mais o único que sabe ler e escrever na sala de aula; todos podem ler e escrever, cada um ao seu nível;
- c) As crianças que ainda não estão alfabetizadas podem contribuir com proveito na própria alfabetização e na dos seus companheiros, quando a discussão a respeito da representação escrita da linguagem se torna prática escolar. (FERREIRO, 1987, p. 39)

A alfabetização não se resolve apenas com um método de ensino, nem ao menos com testes prontos e nem com materiais novos. É preciso reintroduzir à consideração sobre a alfabetização, temos que ter um olhar diferente para a criança, tem que ver que aquela criança é alguém que pensa e que sabe agir sobre o mundo real. Segundo Ferreiro (1987), é preciso reanalisar as práticas, pois métodos novos não resolvem os problemas.

### **Níveis de construção da escrita.**

As crianças desde pequenas desenham garatujas ou outro tipo de desenho, supondo que estão escrevendo, ou seja, estão construindo a escrita. Conforme Ferreiro e Teberosky (1999),



tanto a criança como os adultos começam a se alfabetizar mesmo antes de entrar na escola. Não se aprende a ler e escrever de uma hora para a outra, pelo contrário, o conhecimento da linguagem escrita é feito passo a passo, muitos desses passos são dados mais largos e outros menos, dependendo do ritmo do aprendizado da criança e como essa criança recebeu os primeiros passos da alfabetização.

Os níveis são quatro: No nível pré-silábico, a criança não estabelece vínculo entre a fala e a escrita e tem leitura global: só ela sabe o que quis escrever. As crianças escrevem sem estabelecer qualquer correspondência entre a pauta sonora e a representação escrita, escrevendo assim de acordo com a identidade objetiva nas escritas relacionadas com o objetivo referente. Nesse nível, até podem aparecer letras, mas o alfabetizando ainda não compreende que a escrita representa a fala. Depois desse nível, a criança entra no nível silábico, nessa fase, o alfabetizando tenta escrever sozinho, mas, percebe que existe uma relação entre a fala e o que escreve. Começa a estabelecer uma letra para cada sílaba, que pode corresponder ou não com a escrita do som falado. A escrita é o resultado de um dos esquemas mais importantes e complexos que se constroem durante o desenvolvimento da leitura escrita. Nessa hipótese, a criança escreve uma letra para cada sílaba, algumas vezes são letras que estão na palavra ou às vezes não.

Quando o aluno começa a perceber que é preciso usar mais de uma letra para formar as sílabas está no nível silábico, nessa fase o alfabetizando começa a compreender o som das palavras. Porém, não tem formado a hipótese alfabética, surgindo muitas dúvidas na hora de escrever. Ele está usando letras para formar palavras as palavras corretas, vemos que as letras das palavras não são aleatórias, são letras que fazem parte da palavra.

Quando a criança começa a compreender o modo de construção da escrita passa para o nível alfabético. De acordo com Ferreira e Teberosky (1999), esse período marca a transição entre esquemas prévios em que a criança tem coragem de se comprometer em um novo processo de construção e sabe que a sílaba não pode ser considerada como unidade.

Dessa maneira Grossi (1990), explica que as dificuldades na separação das palavras se dão pela fonetização das sílabas, os alunos iniciantes desse nível alfabético produzem as frases ou textos em voz alta para compreender a fonética da sílaba, parando em cada sílaba a fim de decidir como será sua escrita. É daí, que muitas vezes:

Insistimos na inter-relação dos componentes lógicos, perceptivo-motores, afetivos, sociais e culturais na aprendizagem. Há nesta caminhada do aluno em sua aprendizagem, permanentemente, uma componente lógica. Ao lado dela, estão presentes componentes afetivas, as perceptivo-motoras, as sociais e as culturais também, todas entrelaçadas numa trama indissociável. Imaginar-se a aprendizagem como fruto de uma só destas instâncias é ainda resquício de uma concepção equivocada dos processos cognitivos. (GROSSI, 1990, p.49).

Segundo Grossi (1990) as mudanças de níveis até o alfabético “exige um enorme esforço para sua implantação, mas, ao mesmo tempo, acena para uma eficácia muito significativa nos seus resultados”. Nesse nível o aluno escreve alfabeticamente, mas, algumas vezes ignora a pontuação, mesmo escrevendo palavras que precisam ser concertadas de acordo com as normas padrão da escrita, conseguimos entender o que a criança quis dizer.

## Os teóricos que trabalham com a leitura e escrita

Os teóricos que se aprofundaram no processo de aquisição da leitura e escrita concordam que ela acontece mesmo antes da criança entrar na escola, pois tem contato com materiais escritos em casa, na rua e em outros lugares que passa.

Uma dessas pesquisadoras foi Emília Ferreiro, doutora pela Universidade de Genebra, orientadora e colaboradora de Jean Piaget. Suas pesquisas sobre alfabetização foram realizadas na Argentina onde nasceu e no México, onde atualmente é professora. Sua investigação sobre o processo de alfabetização tem girado em torno de uma pergunta: como se deve ensinar a ler e escrever?" (FERREIRO, 1987, p.5).

A pesquisadora argentina deslocou seu foco de investigação do “como se ensina” para o “como se aprende”, colocando a criança como eixo central da aprendizagem, que elabora hipóteses sobre o aprendizado da leitura e escrita. Sem dúvida, a pesquisadora contribuiu imensamente para que possamos compreender o processo de aquisição da leitura e escrita. Os estudos da pesquisadora partiram de que a criança elabora hipóteses sobre esse processo. Partindo também do pressuposto que a criança tem seus conhecimentos prévios, pois tem contato com outros meios de escrita fora da escola, estando a todo o momento em processo contínuo, por isso, a pesquisadora afirma:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas e importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p.23)

Segundo essa autora, a criança aprende sobre a escrita através de hipóteses. Essas hipóteses acontecem em todas as crianças. São essas: Nível pré-silábica em que não há conexão entre sílabas. Nível silábica em que a sílaba faz parte da palavra, mas de forma desorganizada. Nível silábico-alfabético em que as letras aparecem de acordo com o som das sílabas. Nível alfabético, a criança compreende que a sílaba não pode ser mais uma unidade do som da palavra.

De acordo com a autora, a leitura e escrita precisam ser levadas em consideração em todos os níveis, pois está usando diferentes lógicas para a construção do seu conhecimento.

A leitura e escrita têm sido considerada como objeto de instrumento como algo que precisa ser ensinado e sua aprendizagem seria apenas exercícios para que essa habilidade fosse superada. Devemos abandonar a ideia de que produção escrita só começa na escola. Assim, “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade” (FERREIRO, 1987, p.43).

A criança que chega à escola já possui certo conhecimento da linguagem escrita, sendo esta criança o ponto de partida para que a aprendizagem aconteça. Sendo ponto de partida as condições que este aluno se encontra no momento para receber o ensino. A leitura nada mais é que interpretação e a escrita um sistema de representação da linguagem, portanto a aprendizagem é a exploração e descoberta do objeto de conhecimento.

Outra pesquisadora é Ana Teberosky nasceu em Buenos Aires no ano de 1944, doutora em psicologia e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Barcelona. Ao lado de Emilia Ferreiro investigou o processo de aquisição da

escrita, desenvolveu pesquisas na área específica da linguagem sendo responsável pela transposição didática da teoria psicogenética da escrita.

As pesquisadoras estavam preocupadas em estudar o processo de construção do conhecimento no domínio da língua escrita. A pesquisa de Emília Ferreiro juntamente com Ana Teberosky partiu em compreender em que a criança se apoiava para ler e escrever. O que norteou a pesquisa das autoras foi usar a leitura não como decifração, a escrita como cópia e não identificar os conceitos como progressão da cópia ou decifração.

Outro pesquisador que veio revolucionar o ensino brasileiro foi Paulo Freire (1921-1997), para ele a educação está na realidade do homem.

Pensando sobre a leitura e escrita, o autor esclarece que a leitura da palavra é precedida pela leitura do mundo. Dentro desse contexto, fala que o educador tem que ajudar o aluno a se libertar, dando condições que o alfabetizando seja o sujeito da construção do conhecimento e o ponto chave é o diálogo e a consciência.

O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. A consciência do mundo busca-se a si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. (FREIRE, 1987, p.9).

Paulo Freire desenvolveu um método que alfabetizou 300 cortadores de cana em apenas 45 dias, isso porque foram 40 horas de aula sem o auxílio da cartilha. O método nasceu em 1962, quando Paulo Freire era diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife onde montou um grupo para testar o método em Angicos - RN. Esse método consistia em investigar as palavras que estão na vida cotidiana do aluno, buscando trazer as palavras que fazem parte da realidade, que o aluno convive. Após, vem o momento em que o aluno começa a tomar consciência do mundo através do significado das palavras e por último vem o desafio e inspiração do aluno a enxergar e tomar consciência sobre o mundo.

Para o autor, ler não é caminhar sobre as letras, ler é interpretar o que o mundo está querendo dizer, interferindo quando necessário pela ação. Ler é ter consciência. A leitura nada mais é que uma interpretação do mundo em que se vive em que cresce como também uma forma de representar esse mundo através da escrita. Ler e escrever são libertação, em que se pode opinar e fazer no mundo sua diferença. O aprendizado da leitura e escrita é mais do que tudo a leitura do mundo.

A escrita é também o modo de pensar o mundo, sendo uma forma de participação. Quando uma criança é permitida saborear livros, conhecer nomes de objetos de sua realidade, permitindo tocá-los concretamente, com certeza a leitura e escrita chegarão bem devagarinho.

Em se tratando de estudiosos sobre leitura e escrita, não podemos esquecer Magda Becker Soares, professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE- da Faculdade de Educação da UFMG. Graduada em letras, doutora e livre-docente em educação.

A autora aborda que no Brasil, o despertar para as habilidades de leitura e escrita tem sua origem especialmente vinculada na aprendizagem inicial da escrita. Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever no contexto social que a criança vive, fazendo sentido para

sua realidade. Se olharmos para o conceito de alfabetização nas últimas décadas, veremos que esse conceito se restringe simplesmente à aprendizagem do sistema da escrita. Não basta simplesmente saber ler e escrever, é preciso ir mais além da codificação e decodificação. É preciso colocar a criança em um círculo letrado, em que ela conviva com leituras diversificadas proporcionando sempre leituras de textos para as crianças, contar histórias e envolver a criança em todas as situações que envolvam a leitura e escrita, deixando-a sempre ao redor de textos de acordo com sua realidade.

A criança lê muito antes de ser alfabetizada, ou seja, do seu jeito folheando as revistas que encontra, mesmo que ainda não domine a codificação das palavras. Ela aprende tendo contato com outras pessoas que leem ao seu redor, observando como se dá o processo da leitura e escrita.

Letramento para a autora é designar práticas de leitura e escrita, sabendo fazer uso nas atividades que envolvem a leitura e escrita, ou seja, para entrar no mundo do letramento a criança precisa usufruir de atividades que levem essa apropriação, como um simples pegar um jornal e ler, frequentar bibliotecas, livraria para assim se apropriar do sistema da escrita. Portanto, para isso a criança precisa compreender e se inserir no mundo da leitura e escrita.

Assim, esta autora afirma que:

[...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita- a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita- o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2003, p.12)

Portanto, há a distinção de aprender o código e saber usá-lo. Uma das preocupações da autora é que muitas crianças chegam à sala de aula sem saber ler e escrever. E muitas vezes continuam sem saber ler e escrever até em séries posteriores, conseguindo prosseguir ainda mais as dificuldades de uma alfabetização. É preciso colocar a criança em um ambiente alfabetizador com muitos materiais escritos assim acaba sendo alfabetizada e letrada ao mesmo tempo. Mas será que isso acontece nos dias de hoje em nossa sala de aula? Algumas vezes, por contarmos com professores dedicados em querer mudar um pouco o rumo da alfabetização de nossas crianças, acabam se doando por inteiro, sempre procurando inovar suas práticas de leituras e escritas.

Não basta simplesmente colocar a criança em um ambiente alfabetizador é preciso envolver a criança em rodas de leituras, contação de histórias, mesmo que ainda não saiba ler e escrever a criança já produz seu próprio texto, pois sabe falar e pensar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho de construção da leitura e escrita é em sua particularidade um desafio enorme. Esse desafio engloba diversos outros desafios que em alguns momentos precisam de apoio de outros profissionais para que a aprendizagem aconteça. Sempre costumo dizer que uma base bem feita, merece aplausos e mais aplausos, pois vemos que uma base sólida costuma enfrentar muitos obstáculos e ainda assim, fica de pé. Na leitura e escrita costuma ser assim, um caminho bem feito traz frutos excepcionais. Ler e escrever nos acompanha em toda a nossa vida, esses aprendizados merecem interpretação e uso adequado em suas mais variadas formas de uso. Estar alfabetizado significa ler, escrever e compreender o que foi lido.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 6023:2018 informação e documentação: referências; elaboração. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: 3021f721-5be8-4e6d-951b-fa354dc490ed (ufpe.br). Acesso em: 30 de junho de 2023.
- FREIRE, Paulo. 1921. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire/ Paulo Freire: tradução de Kátia Mello e Sílvia: revista técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. 3º Ed.- São Paulo: Moraes. 1980.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17º. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre a alfabetização. São Paulo: Cortez: autores associados, 1987.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre. Artmed, 1999.
- GROSSI, Esther Pillar. Didática da alfabetização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KRAMER, Sônia. Alfabetização leitura e escrita: formação de professores em curso/ Sônia Kramer. – São Paulo: Ática, 2010.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Reunião anual da Anped. Poços de Calda. MG, 2003. Reprodução eletrônica. GT Alfabetização, Leitura e Escrita.

**A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO: O USO DE  
DIVERSOS MÉTODOS**  
**THE ACQUISITION OF READING AND WRITING IN LITERACY: THE USE OF  
VARIOUS METHODS**  
**LA ADQUISICIÓN DE LA LECTURA Y LA ESCRITURA EN LA ALFABETIZACIÓN:  
EL USO DE VARIOS MÉTODOS**

Juberlita Maria da Silva Soares  
juberlitas@gmail.com

SOARES, Juberlita Maria da Silva. **A aquisição da leitura e escrita na alfabetização: O uso de diversos métodos.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.29, p. 21 – 26, novembro/2023. ISSN/2675 – 5203.

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar o uso dos métodos em busca da aquisição da leitura e escrita na alfabetização, buscando aprofundamento acerca dos métodos usados no processo de aprendizagem. A escrita é de primordial importância para a formação social do ser humano e conseqüentemente dá continuidade a outros níveis de escolaridade. Aprender a escrever não é tarefa fácil, nesse processo é preciso que se busque o melhor caminho para se chegar ao objetivo da sala de aula. O melhor método é aquele que se adequa melhor a realidade de cada professor, para isso, é preciso que se tenha clareza de suas abordagens de ensino e seus resultados. Ensinar com métodos é ensinar com uma direção a um determinado objetivo.

**Palavras chave:** Leitura; Escrita; Métodos.

### ABSTRACT

This article aims to investigate the use of methods in the search for the acquisition of reading and writing in literacy, seeking to delve deeper into the methods used in the learning process. Writing is of primary importance for the social formation of human beings and consequently continues other levels of education. Learning to write is not an easy task, in this process you need to look for the best way to reach the classroom objective. The best method is the one that best suits each teacher's reality. To achieve this, you need to be clear about your teaching approaches and results. Teaching with methods is teaching with a direction towards a certain objective.

**Keywords:** Reading; Writing; Methods.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo revisar a literatura sobre os usos dos métodos na aquisição da leitura e escrita na alfabetização, buscando aprofundamento acerca dos métodos usados no processo de aprendizagem.

A aprendizagem da leitura e escrita não acontece de forma imediata, ela passa pela linguagem oral. Dessa forma, a linguagem escrita precisa da linguagem oral para que ambas possam dar um suporte para a outra, mesmo estando no cotidiano da criança, a linguagem escrita precisa de estímulos para que venha a ser internalizada e posteriormente fazer parte da bagagem da criança. Escrever é um processo que precisa de estímulos. O uso dos métodos para o ensino.

## MÉTODOS PARA AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

Em pleno século XXI, há muitos professores que tendo que ensinar a ler, não sabem como fazer, simplesmente por nunca terem ouvido falar na questão de métodos ou porque sobre os métodos de leituras pouco sabem.

De acordo com este pensamento pensa-se na necessidade de se explicar melhor a respeito de tais métodos de aquisição da língua escrita, onde podemos concluir que:

[...] o método é a forma externa da consciência que se manifesta por atos, que adquire a propriedade fundamental da consciência: sua intencionalidade. A essência da consciência é um ser com o mundo e esta situação é contínua e inevitável. Conseqüentemente, a consciência é, por essência, um “caminho para” algo fora de si mesma, que rodeia e que ela aprende graças a seu poder de “idealização”. Portanto, a consciência é, por definição, um método no sentido mais geral da palavra. (FREIRE, 1980, p.86)

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), desde o início da década de 80, o problema tem sido exposto como uma questão de métodos. Uma das preocupações dos professores tem se voltado especificamente à busca pelo método perfeito ou mais eficaz para incentivar os alunos a se apropriar da linguagem escrita.

De acordo com Soares (2022), o ensinar com métodos é ensinar o percurso do caminho para ensino da linguagem escrita, de forma que a criança consiga trilhar esse caminho com segurança e superando suas dificuldades. Portanto, ensinar com métodos é colocar a aprendizagem da criança em foco e mostrar que todo caminho tem um fim. Esse fim, é a criança com as habilidades necessárias e consolidadas para o seu nível de alfabetização.

### MÉTODO SINTÉTICO

O método sintético é fruto da escola tradicional que permaneceu em educação como os donos da verdade, até quase a década de 80, quando começam a surgir estudos da língua moderna. Ferreiro e Teberosky (1999, p.21) defendem a ideia de que “esse método insiste, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia”.

Esse método também é conhecido como método do beabá. Dentro do contexto educacional, esse método partia do aprendizado do traçado de todas as letras, isolada uma da outra, sem o aluno saber o significado daquele processo de construção.

Na concepção de Ferreiro e Teberosky (1999) outro ponto desse método é que ele começa na fragmentação da construção da linguagem que se dá através da associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos. O método sintético pode ser dividido em três partes: O método alfabético, fônico e silábico.

### MÉTODO ALFABÉTICO

O alfabético é um dos mais antigos métodos utilizados, conhecido como soletração, seu princípio parte da decoração das letras do alfabeto, depois sua combinação é seguida por sílabas

e conseqüentemente as palavras. A partir daí, a criança começa a ler palavras, frases e conseqüentemente textos.

Assim, a técnica de leitura e escrita é tratada como aquisição da técnica de ler e escrever. O método alfabético está relacionado basicamente à repetição dos exercícios, como também não respeitam os conhecimentos prévios das crianças. Apesar de não ser indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 's), ainda é muito utilizado em diversas cidades, esse método é simples e é aplicado por professores leigos através da repetição das cartas do ABC.

## MÉTODOS FÔNICO

Depois do conhecimento das letras do alfabeto, vem à aprendizagem da associação entre fonemas e grafemas, ou seja, som e letra, permitindo descobrir o princípio alfabético e dominar o conhecimento ortográfico através dos textos, que é chamado de método fônico. Esse método é baseado no ensino do código alfabético, na relação entre o som e letra, que devem ser feitas através do planejamento de atividades que estimulem a criança a aprender, a codificar a fala em escrita e a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento.

O método fônico nasceu como uma crítica ao método alfabético. Nele são ensinados as formas e os sons das vogais, depois vêm às consoantes, que são estabelecidas de acordo com seu grau de dificuldade.

Sobre o método fônico, podemos perceber que,

A linguagem é restringida, controlada e artificial. Percebe-se isto na apresentação dos fonemas/grafemas:

- a) na precedência das vogais e encontros vocálicos sobre as consoantes;
- b) na precedência das consoantes consideradas “mais fáceis” para as “mais difíceis”: de /b/-b, k/-c, em ca, co, cu, (mas excluindo-se as outras possibilidades, onde o c ocorre como /s/ce, ci) /d/-d para /z/-z, /s/-ch/-lh, finalizando como dígrafos gr, pr, tr, fl, e etc.
- c) na reutilização somente dos grafemas já dados nas novas lições. (BRAGGIO, 1992, p.13).

Quando o aluno já tinha aprendido as letras do alfabeto, a proposta seria ensinar através das sílabas, não sendo possível mais aprender BE A= BA, já que ele tinha dominado o alfabeto.

## MÉTODOS SILÁBICO

Em contrapartida, o método silábico surgiu para resolver por partes os problemas do método fônico, tendo como base as sílabas prontas, que se combinavam para formar palavras. As famílias silábicas ficam em destaque, para que haja a formação de palavras, frases e pequenos textos. Assim Braggio (1992) fala que “a linguagem é fragmentada em sílabas, palavras e sentenças isoladas entre si e do contexto”, proporcionando o aluno à primeiro conhecer a sílaba chave para depois vir o texto que terá como base a sílaba que foi estudada e conseqüentemente todas as palavras estudadas terão como base a sílaba chave.

Esse método utiliza-se de palavras chaves apenas para apresentar as sílabas que serão trabalhadas. O método permite que se criem palavras apenas com as sílabas estudadas. O método possui a vantagem de trabalhar com a sílaba, possibilitando uma melhor relação da fala



com a escrita, não sendo suficiente para superar os problemas entre eles, ou seja, a artificialidade dos textos criados para esse ensino, pois,

[...] a técnica de ler e escrever prevalece sobre a compreensão, o significado. O conhecimento anterior da criança sobre a linguagem é ignorado no processo, bem como o contexto de onde ela vem. Sua criatividade é cerceada. A leitura e escrita são vistas como um meio para um fim em si mesmo, sem nenhum caráter funcional. (BRAGGIO, 1992, p. 15)

Nesse método, a criança não compreende o que o texto quis dizer, mas é levada a decifrar as palavras chaves, como as sílabas estudadas, deixando a criança impossibilitada de usar sua criatividade e seu conhecimento prévio sobre o desenvolvimento da leitura e escrita.

## MÉTODO ANALÍTICO

O método analítico defende que a leitura é um ato global, conhecido também como “método olhar e dizer”. Nesse método a criança parte do todo até chegar às pequenas unidades.

Baseados em Ferreiro e Teberosky (1999), o método analítico é o sentido inverso do método sintético, este método consiste em que o aluno aprenda primeiro uma série de palavras providas de significados para ele, e só depois, parte da associação entre som e fala. Esse método global leva os aprendentes a começar por textos a partir da sua realidade. E se decompõe em: palavra, sentença e conto. A palavra se refere ao estudo da palavra, sem decompô-la, depois propõe ao aluno que forme pequenos textos. A sentença é a formação de frases de acordo com os interesses dos alunos, depois essa frase é decomposta em palavras e conseqüentemente em sílabas. E por fim, o conto que é a seleção de textos, depois os alunos decompõem em frases, palavras e sílabas, fazendo que a criança compreenda o que está escrito.

## TEORIA CONSTRUTIVISTA

O construtivismo não é um método. A teoria construtivista foi inspirada pelas ideias do suíço Jean Piaget (1896- 1980), e foi ampliada por Emília Ferreiro, que foi aluna e pupila de Jean Piaget. Emília buscou aprofundar as ideias do seu mestre levando a teoria para o campo da leitura e da escrita, concluindo que a criança aprende sozinha desde que seja estimulada pelo seu meio a um contato diário com textos, letras e materiais escritos.

No princípio, o nome construtivismo só se aplicava à teoria de Emília Ferreiro, mas, depois passou a fazer parte da base científica de educadores para formulação de novas propostas pedagógicas de alfabetização.

Essa teoria propõe que a criança seja participante do seu próprio aprendizado, instigando a curiosidade, sendo ela o autor de seu conhecimento. Segundo esta teoria:

[...] o aprendiz é um sujeito, protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, alguém que vai produzir a transformação que converte informação em conhecimento próprio. Essa construção, pelo aprendiz, não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais ele possa agir sobre o que é objeto de seu conhecimento, pensar sobre ele, recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir, interagindo com outras pessoas. (WEISZ, 2000, p.60).

O aprendiz precisa transformar a informação para poder assimilá-la, esse método de ensino diz que para aprender é preciso ser dono de algum saber, ou seja, saber alguma coisa e todos os educadores sabe que toda e qualquer criança traz consigo uma bagagem de conhecimento de mundo, o qual ela foi adquirindo através do contato com outras pessoas e com o meio.

A teoria defende que o erro faz parte da aprendizagem, sendo ele o trampolim dessa rota. Condenando a rigidez nos procedimentos de ensino e as avaliações padronizadas.

De acordo com Weiss (2000, p.63) o conhecimento não é gerado do nada, ele vai se transformando a partir do conhecimento que já existe, ou seja, os conhecimentos prévios, sendo este a base de novas aprendizagens do sujeito. O professor tem que ser atuante a todo o momento, proporcionando os alunos a se lançarem na ousadia de aprender, sendo “uma espécie de diretor de cena ou de contrarregra, e cabe a ele montar o andaime para apoiar a construção do aprendiz”.

## CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

A consciência fonológica é a capacidade que a criança tem de isolar as unidades fonológicas, ou seja, ela precisa partir das relações entre grafema e fonema (sons e letras), e assim fazer a relação da palavra falada e sua escrita. Dessa forma:

[...] as crianças devem entender que aqueles sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala. Para aqueles que já sabem ler e escrever, essa compreensão parece básica, quase transparente, no entanto, as pesquisas demonstram que a própria noção de que a linguagem falada é composta de sequências desses pequenos sons não surge de forma natural ou fácil em seres humanos. (ADAMS,2018, p: 19).

Nesse sentido, destacamos que para desenvolver a consciência fonológica é preciso desenvolver a consciência fonética, que significa compreender que as palavras são compostas de sons, ou seja, os fonemas.

Dessa forma,

Essa capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala é o que se denomina **consciência fonológica**: a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas. (SOARES, 2022, p. 77).

Nesse estudo dos sons, as crianças são instigadas a desenvolver a consciência fonêmica, a consciência silábica, a consciência de palavras, a consciência de frases, a consciência de rimas e a consciência de aliteração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso dos métodos em busca da aquisição da escrita ainda é bastante diverso, pois diríamos que os métodos têm suas peculiaridades. Cada método merece em sua totalidade ser estudado, compreendido e atualizado conforme as necessidades para serem usados. Escolher apenas um método não é suficientemente bom para quem aprende e nem para quem ensina. Na

alfabetização, é preciso usar um pouco de cada método de ensino, conforme a necessidade do aluno.

Portanto, o ensino dos métodos para a linguagem escrita, exige a definição de quais as habilidades que a criança precisa desenvolver para se tornar alfabetizada. As metas de ensino é que irão definir o caminho para se chegar ao objetivo final. O caminho para chegar ao fim precisa de investidas em todos os métodos, de modo que se consiga compreender como a criança aprende.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Marilyn Jager. Consciência fonológica em crianças pequenas. Artmed Editora, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 6023:2018 informação e documentação: referências; elaboração. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: 3021f721-5be8-4e6d-951b-fa354dc490ed (ufpe.br). Acesso em: 30 de junho de 2023.
- BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. Leitura e a alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 7-15.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC, SEF, 1997.
- FREIRE, Paulo. 1921. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire/ Paulo Freire: tradução de Kátia Mello e Sílvia: revista técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. 3º Ed.- São Paulo: Moraes. 1980.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre. Artmed, 1999
- SOARES, Magda. Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever / Magda Soares. 1.ed., 5º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2022.
- WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000



## A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM AS DEMAIS ÁREAS DO CONHECIMENTO

### THE IMPORTANCE OF TEACHING ART AT SCHOOL AND ITS RELATIONSHIP WITH OTHER AREAS OF KNOWLEDGE

### LA IMPORTANCIA DE ENSEÑAR ARTE EN LA ESCUELA Y SU RELACIÓN CON OTRAS ÁREAS DEL CONOCIMIENTO

Andreia Arleide Alves de Lima  
luizalimapv@gmail.com

LIMA, Andreia Arleide Alves de. **A importância do ensino da arte na escola e sua relação com as demais áreas do conhecimento.** Revista Internacional Integralize Scientific, Ed. n.29, p. 27 – 37, novembro/2023.

#### RESUMO

A Arte foi uma das primeiras formas de expressão do ser humano, sendo conhecida nas diferentes linguagens, como: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, construída historicamente pelo homem. Nos dias atuais percebe-se que a disciplina de Arte não é tratada com a mesma importância em relação às outras Áreas do conhecimento. Tal desvalorização dificulta o crescimento do aluno aprender a se expressar com autonomia, desenvolver-se de forma motora, cognitiva, afetiva, e descobrir suas potencialidades, impossibilitando-o de mostrar seus desejos, sentimentos e sensações em suas formas de expressão. Pretende-se com essa pesquisa de Revisão de Literatura mostrar a importância do ensino de Arte na escola e sua relação com as demais Áreas do conhecimento e também como o aluno pode desenvolver-se no conhecimento cultural através de um ambiente estimulante com diversificação de materiais, aulas mais dinâmicas que desafiam a criatividade e imaginação.

**Palavras-Chave:** Arte. Linguagens. Criatividade.

#### ABSTRACT

Art was one of the earliest forms of human expression, being known in different languages, such as music, theater, dance and visual arts, historically constructed by man. Nowadays, it is clear that the discipline of art is not treated with the same importance in relation to other areas of knowledge. Such impairment hinders the growth of student learning to express themselves autonomously, develop motor, cognitive, affective, and discover their potential, making it impossible to show their desires, feelings and sensations in their forms of expression. The intention of this research Literature Review shows the importance of teaching art in school and its relationship with other areas of knowledge and also the student can develop the cultural knowledge through a stimulating environment with diversified materials, more dynamic classes that challenge the creativity and imagination of the student

**Keywords:** Art. Language. Creativity.

#### RESUMEN

El arte fue una de las primeras formas de expresión del ser humano, siendo conocido en diferentes lenguajes, tales como: Artes Visuales, Danza, Música y Teatro, históricamente construidos por el hombre. Hoy en día es evidente que la disciplina del Arte no es tratada con la misma importancia en relación a otras áreas del conocimiento. Tal devaluación dificulta que los estudiantes crezcan, aprendan a expresarse de manera autónoma, se desarrollen motriz, cognitiva, emocionalmente y descubran su potencial, imposibilitan doles mostrar sus deseos, sentimientos y sensaciones en sus formas de expresión. El objetivo de esta investigación de Revisión de Literatura es mostrar la importancia de la enseñanza del Arte en la escuela y su relación con otras áreas del conocimiento y también cómo el estudiante puede desarrollar conocimientos culturales a través de un ambiente estimulante con diversificación de materiales, clases más dinámicas que desafien la creatividad y imaginación.

**Palabras clave:** Arte. Idiomas. Creatividad.

#### INTRODUÇÃO

A arte está presente em nossa vida desde quando nascemos e expressar-se por meio da arte é algo que aconteceu há milhares de anos, com os primeiros habitantes da terra, que se

expressavam em suas cavernas e pedras através da pintura. Hoje sabemos que arte vai além de tintas num simples papel, ou seja, ela está em todas as criações e expressões do ser humano.

O objetivo dessa pesquisa é mostrar a importância do ensino de Arte na escola e sua relação com as demais Áreas do conhecimento, e sua importância para o crescimento cultural do aluno, para que se desenvolva de forma motora, cognitiva e afetiva.

No decorrer deste trabalho, abordaremos vários tópicos em que pretendemos deixar claro ao leitor que por meio de várias pesquisas em diversas fontes especializadas, constatamos que essa disciplina corrobora de fato na formação do aluno.

Portanto, no primeiro tópico apresentaremos o conceito de arte, como ela surgiu, e o que essa linguagem do conhecimento humano engloba.

Em seguida, abordaremos um breve histórico do ensino de Arte no Brasil, pontuando os momentos mais marcantes em cada período. Arte-educação também é outro ponto que destacamos no decorrer de nosso trabalho, pois é o momento em que relataremos como o docente deve proceder em relação às várias linguagens artísticas, fora e dentro do âmbito escolar, além disso, as importantes mudanças que ocorreram na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em relação à disciplina de Arte.

Logo após, no tópico intitulado: Por que a disciplina de arte é importante e sua relação com as demais Áreas do conhecimento, será o momento em que discutiremos as qualidades que o aluno poderá desenvolver na sua vida e na sociedade, e, sobretudo, o que tal disciplina contribui na progressão do aluno com as demais disciplinas do currículo. Além disso, as linguagens a serem trabalhadas, como Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Recursos Audiovisuais também compõem um tópico importante que abordaremos com atenção, tratando tais manifestações individualmente, e os motivos de serem inseridos dentro da escola. Para finalizar, apresentaremos o que deve ser ensinado nos três níveis da Educação Básica, composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

## **O QUE É ARTE?**

Desde os primórdios, a Arte esteve presente nas manifestações humanas. Quando os primeiros habitantes criaram o fogo pelas suas necessidades, lanças para ir à caça e pinturas realizadas em suas cavernas, nascia naquele momento a arte. Conhecida hoje como arte pré-histórica, em que os “homens das cavernas” se expressavam por meio de desenhos nas paredes, relatando uns aos outros, o que faziam no decorrer do dia. Desenhavam-se individualmente ou em grupo, representando momentos de caça, guerra, etc, com o intuito de comunicação (MARTINS, 1998).

De acordo com Martins (1998 p.34): “Antes mesmo de saber escrever, o homem expressou e interpretou o mundo em que vivia pela linguagem da arte. A caverna, com sua umidade rochosa, foi o ateliê do homem pré-histórico” [...].

A Arte, como Área do conhecimento, envolve um amplo e diversos conhecimentos que é sempre influenciado pelo momento histórico. Certamente hoje sabemos que a arte traz as representações que estão presentes em todas as manifestações culturais: nas ruas como grafite, nos museus como obras e esculturas, na música com seus diversos estilos e sons, na dança com seus inúmeros ritmos e movimentos, no teatro e no cinema por meio de várias formas de expressões, na literatura e poesia com as histórias contadas com sentimentos, sensações e

desejos, na arquitetura através de belos monumentos, e por fim na fotografia com suas cenas e imagens. Essas expressões estão representadas nas diferentes linguagens: Visual, Musical, Dança e Teatro. Além dessas conhecidas desde a Antiguidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem também os Recursos Audiovisuais.

Os pais quando contam histórias para seus filhos, exercitam a arte sem que percebam. A criança quando apronta algo escondido, os pais dizem que esta criança está “fazendo arte”, portanto, “fazer arte” é fazer o diferente, algo novo, é refletir, planejar e executar uma ação que expressa algo (BRASIL, 1998a).

Com todo este contexto, podemos nos indagar: A arte na escola está sendo trabalhada de modo a permitir que o aluno se desenvolva nas diferentes linguagens?

## HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

É de grande importância também saber que a primeira escola de ensino de Arte no Brasil foi fundada em 1816, com Dom João VI juntamente com 15.000 pessoas se instalando com a Corte Real no Brasil (Missão Artística Francesa, em 1808), e inaugurando a 1ª escola que ensinava arte no Brasil, chamada de Academia de Belas Artes, local este, que os artistas europeus eram convidados para ensinar (artistas franceses). O estilo Barroco estava em alta no momento, mas a elite já estava acostumada com outros padrões europeus, ou seja, não queriam mais tal expressão, então começaram a ensinar o estilo Neoclássico, que era o que havia de mais moderno na época. O que não fosse Neoclássico, não era valorizado, e vale ressaltar que somente os mais favorecidos socialmente tinham acesso a tal estilo que acabara de chegar (MARTINS, 1998).

Desde a década de 20, até aproximadamente de 70, o ensino era baseado na Pedagogia Tradicional, em que o professor era o único que detinha todo o conhecimento, era o centro do processo. Nesta pedagogia, não se valorizava a criação do aluno, o mesmo tinha que fazer cópia de modelos, reproduzir o que o professor estava ensinando. Existia somente a preocupação com o resultado final, não com o processo que levava ao resultado.

O aluno neste período do processo do ensino de Arte não tinha o direito livre da expressão, mas sim de deixar no papel a idêntica cópia do real. Além disso, eram valorizados outros aspectos que não incluíam a livre criação do aluno. De acordo com Martins temos:

[...] Ensinava-se a copiar modelos, a classe toda apresentava o mesmo desenho, e o objetivo do professor era que seus alunos tivessem boa coordenação motora, precisão, aprendessem técnicas, adquirissem hábitos de limpeza e ordem nos trabalhos e que estes, de alguma forma, fossem úteis na preparação para a vida profissional [...] (MARTINS, 1998, p.11).

O desenho era o foco principal neste momento, dividido entre: desenho geométrico, natural e pedagógico, que serviam de base para os alunos terem uma boa formação para o trabalho.

Por volta dos anos 30 e 40, as ideias da Escola Nova trazida dos Estados Unidos, chegam aos poucos no Brasil. Conhecida também como Pedagogia Renovada, permitiu explorar no educando suas necessidades individuais, sua livre expressão, incentivando-o a criar livremente o que sente. Rompe com a cópia de modelos, e volta-se para o desenvolvimento espontâneo do

aluno. Nesta pedagogia, a valorização é focada no desenvolver (processo) e não no produto final, no qual não proporciona para o aluno um conteúdo a ser trabalhado, é vazia, deixando o aluno solto (BRASIL, 1997).

Chega ao Brasil por volta dos anos 60 e 70 a Pedagogia Tecnicista, em que o professor passa a ensinar todas as linguagens do conhecimento da Arte (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, e sobretudo é responsável pela eficiência e eficácia dos alunos. Nesta pedagogia, não se valorizava a espontaneidade e criação do aluno, pois era reprodutivista, vazia de conteúdo, algo superficial, e somente oferecia ao aluno aulas baseadas em modelos (apostilas e livros didáticos).

Por fim, surge a Metodologia Triangular, criada por Ana Mae Barbosa na década de 80, que posteriormente passa a ser conhecida como Proposta Triangular para o ensino de Arte. Essa proposta era caracterizada pelo professor facilitador, ou seja, aquele que conduzia, permitindo ao aluno alcançar de fato o conhecimento.

O ensino de arte com base na Proposta triangular apóia-se em três eixos: o fazer artístico (quando o aluno cria seus trabalhos), a apreciação (momento no qual o aluno admira/contempla sua obra, de seus colegas, e de outros artistas) e por fim, a contextualização (que é o histórico do que o aluno já contemplou) (ZAGONEL, 2008).

Contudo, ressaltamos que atualmente ainda podemos encontrar no âmbito escolar, um pouco de cada pedagogia citada acima. Segundo a literatura:

De fato, uma série de desvios vem comprometendo o ensino da Arte. Ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com laserterapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas “musiquinhas” para fixar conteúdos de ciências, faz-se “teatrinho” para entender os conteúdos de história e “desenhinhos” para aprender a contar (MARTINS, 1998, p.12).

## ARTE E EDUCAÇÃO

Antes de abordarmos a atuação do docente em sala de aula na disciplina de Arte atualmente, abordaremos brevemente como era vista esta área do conhecimento.

A Arte no decorrer dos anos era ensinada como algo técnico. Após um tempo começou a se voltar para a expressividade. Essa expressão artística fora da escola já era muito consagrada, portanto, a partir dessa influência, a escola começou a interagir com o informal, levando para dentro em forma de festivais e teatros, em cuja realização grandes números de alunos participavam. Ressaltamos que o docente não tinha conhecimentos específicos para uma boa formação. Assim sendo, quem assumia a sala, eram aqueles que tinham algum conhecimento na área, ou o professor efetivo da turma. Como eles não tinham especialização, as aulas eram livres, de modo que o educando não agregava qualquer conhecimento para si.

Martins em sua literatura dispõe:

Em 1971, com a Lei nº 5.692, foi criado o componente curricular *Educação Artística*. A lei, determinando que nessa disciplina fossem abordados conteúdos de música, teatro, dança e artes plásticas nos cursos de 1º e 2º graus, acabou criando a figura de um professor único que deveria dominar todas essas linguagens de forma competente (MARTINS, 1998, p.12).



O professor tinha que saber abordar outros conteúdos, e dominar tudo. Arte neste tempo era considerada uma atividade, e não uma disciplina, dando a entender de que ela não proporciona uma aprendizagem de qualidade como às demais disciplinas. Mesmo com a lei, muitos professores não se sentiam prontos para dominar tantas linguagens que foram incluídas nesta área do conhecimento, então, aplicavam suas aulas com atividades seguidas de modelos.

A partir da década de 80 ocorre o início ao movimento Arte-Educação período este que tinha o intuito de discutir com grande número de professores de Arte, a busca de uma possível melhora para a forma de atuação, formação e valorização dos professores. Foi então, em 1988, que se iniciam planos para a nova LDB.

Porém somente mais tarde a Lei nº 9.394/96, art.26,§2º é de fato aplicada da seguinte forma: “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1998c, p. 91). Esse foi um período em que a Educação Artística é substituída pela disciplina de Arte, ampliando dessa forma os conteúdos a serem trabalhados nas escolas por todos os educadores.

Hoje, mais do que nunca, entendemos que o docente deveria estar disposto a permitir que seus alunos tivessem a oportunidade de experimentar a arte, além disso, que os mesmos também tivessem acesso a diferentes linguagens, como museus/galerias: observando quadros e esculturas, ou em teatros: assistindo a uma peça, uma dança, ou até mesmo a um concerto. O profissional da educação deve criar meios, situações em que a criança possa realmente aprender a “colocar para fora” o que sente, sempre respeitando o desejo de cada aluno, pois sabemos que cada um é único, deve ser respeitado, e é capaz de criar no seu tempo.

De acordo com Rosa e Scaléa:

A arte-educação vai favorecer esse movimento e o educador deve utilizá-la, sempre que possível, para garantir o acesso de seu aluno à expressividade, à criatividade e à apreciação cognitiva. E esse acesso será natural se a mediação do professor favorecer a produção, a fruição e a reflexão (ROSA; SCALÉA, 2006, p.82).

A nossa preocupação não é pensar na formação de grandes artistas com excelentes técnicas, mas sim, considerar os meios para que esse aluno desenvolva capacidades que até ele mesmo desconheça, e mais, poder ter o aprendizado de um olhar amplo e perceptivo, e ser reflexivo enquanto admira, por exemplo, uma pintura, saber olhar além daquela obra, imaginar o que aquele artista quer passar, e, sobretudo, ajudá-lo a ser crítico posteriormente em nossa sociedade. Enfim, entendemos que é dessa maneira que a escola deve intervir, mostrando de fato que a Arte não é mais vista como um passatempo entre as disciplinas que julgavam ser mais importantes, mas sim, que ela é tão importante e enriquecedora quanto às demais áreas do conhecimento.

## **POR QUE A DISCIPLINA DE ARTE É IMPORTANTE, E SUA RELAÇÃO COM AS DEMAIS ÁREAS DO CONHECIMENTO**

Sabemos que existem diversas maneiras para o indivíduo se comunicar. Assim como a leitura e escrita, todos os povos, raças e épocas, por meio das Artes Visuais, Música, Dança, Teatro E Recursos Audiovisuais, também se expressam e se comunicam pelo seu fazer artístico,

havendo então a interação entre pessoas e a troca de culturas. É por meio da arte que podemos conhecer nosso próprio eu, e por ser um patrimônio cultural e amplo, fora da escola, todos têm direito de adquirir tal conhecimento (MARTINS, 1998).

Ela é importante, porque as atividades na área da Arte devem garantir que os alunos vejam o mundo com outro olhar, auxiliando-os a desenvolverem a sua criticidade e criatividade, e aprender a exteriorizar suas emoções, deixando-os livres para criar, recriar e pensar sobre a Arte. Também ajuda a criança a se expressar de várias maneiras, desenvolvendo assim seu pensamento artístico e o conhecimento cultural dos alunos. Estimula-os a ousarem enquanto criam seus trabalhos. Podemos dizer que os alunos percorrem de maneira livre e verdadeira, que a Arte os ajudará a ter saberes específicos sobre sua relação com a sociedade (ZAGONEL, 2008).

A disciplina de Arte pode possibilitar o educando a ter uma boa relação com as demais Áreas do conhecimento. Além disso, poderá auxiliá-lo no seu desenvolvimento, toda concentração, percepção e raciocínio lógico ao resolver um problema em Matemática, e ao realizar, por exemplo, uma experiência em Ciências.

Com essa disciplina é possível desenvolver a coordenação motora, imaginação e criatividade, na construção de um texto de Língua Portuguesa. Também possivelmente permitirá um melhor entendimento do aluno em relação à pluralidade cultural, tanto na disciplina de História, quanto na disciplina de Geografia, fazendo com que o mesmo aprenda a vivenciar, respeitar e valorizar o diferente com ética.

Durante todo o aprendizado formal, existe a possibilidade de o aluno desenvolver estas e muito mais qualidades que citamos acima, podendo complementar em vários aspectos da sua vida, sendo na área profissional, familiar, social, e dentre outros (ZAGONEL, 2008).

Na Educação Física, provavelmente o indivíduo aprenderá a se autoconhecer, socializar-se com os demais, ter expressividade, lateralidade, no qual, conseqüentemente demonstrará suas emoções e sentimentos (BRASIL, 1997).

## **LINGUAGENS PARA SE TRABALHAR NA DISCIPLINA DE ARTE NOS TRÊS NÍVEIS DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A Arte na escola é dividida por modalidades, e cada uma delas deve ser aplicada conforme apontam os documentos oficiais para os três níveis de ensino da Educação Básica, sendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Na Educação Infantil, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), trabalha-se com Artes Visuais, Música e Movimento. No Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN 's) referem que devem ser trabalhados com os educandos, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

E por fim, para o Ensino Médio também de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, devem ser aplicadas as modalidades citadas acima no Ensino Fundamental, incluindo Recursos Audiovisuais.

Espera-se que a escola progressivamente ofereça essas competências de cognição que explicaremos a seguir aos seus alunos, pois todos têm o direito de conhecer aquilo que está ao seu redor e que faz parte de sua cultura (BRASIL, 1998c).

## ARTES VISUAIS

Seu início se deu com os homens primitivos, que por meio de riscos se comunicavam e relataram tudo que ocorria em seus cotidianos. Com o decorrer dos tempos, esta linguagem foi ganhando vários recursos e grandes espaços na sociedade. Atualmente, nos deparamos com imagens, texturas, cores, etc, e entendê-las nos fazem compreender o que o outro quis expressar com tal ideia.

A Arte visual é usada para transmitir mensagens, emoções, tanto para aquele que executa, quanto para aquele que admira. Podendo também expressar uma época (TEBEROSKY; COLL, 1999).

A arte trabalha-se com o visualizar de outras produções, onde o aluno aprenderá a observar tudo em sua volta, isto é, ter percepção. Com a junção de informações obtidas e aprendidas, forma-se a inspiração, no qual a partir daí o aluno saberá o que, como produzir, e também o que apreciar ao longo de sua vida. Além disso, encontramos na literatura que a Arte Visual vai além do ato de desenhar, trabalhando- se também com:

Reconhecimento e utilização dos elementos da linguagem visual representando, expressando, e comunicando por imagens: desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, colagem, construção, fotografia, cinema, vídeo, televisão, informática, eletrografia (BRASIL, 1997, p.46)

[...] tão importante quanto conhecer e preservar nossas tradições musicais é conhecer a produção musical de outros povos e culturas e, de igual modo, explorar, criar e ampliar os caminhos e os recursos para o fazer musical.[...]( BRITO, 2003, p.28).

O docente pode inserir música através do lúdico, permitindo-os conhecer instrumentos novos e descobrindo seus respectivos sons, sendo numa cantiga de ninar, canções em roda, etc. Contudo, o professor deve permitir à criança explorar esse mundo musical por meio da contextualização e pesquisa, desenvolvendo assim a prática da diversidade cultural e o respeito mútuo, deixando-o livre para escutar, planejar e criar sozinho e com os demais da sala, provocando assim a troca de experiências cognitivas, motoras e afetivas (BRITO, 2003).

## TEATRO

Segundo o Aurélio significa: “A arte de representar”(AURÉLIO, 1993, p. 528).

As primeiras representações teatrais ocorreram na Grécia antiga, por volta dos séculos VII e VI a.C, no qual realizavam naquelas épocas rituais para comemorar a caça e a boa colheita na terra fértil, e se comunicavam expressando-se por meio de suas emoções. Tinham o hábito de se caracterizarem com vestimentas feitas de animais, e também com mantas, máscaras, armas, etc. Esses povos dançavam e cantavam juntos em favor da exaltação de seus deuses e heróis. Após festivais de vários dias para o deus Dioniso, esses atos de representações deixaram de ser visto como algo religioso, passando então a ser considerada uma celebração teatral, ou seja, neste momento da história, nasce o ato de atuar (TEBEROSKY; COLL, 1999).

Hoje sabemos que o teatro é mais uma linguagem artística que está fortemente inserida na sociedade de diferentes povos e culturas. A criança sem saber, já apresenta suas brincadeiras quando cria personagens e situações. A menina ao colocar as roupas da mãe, que faz da sua boneca o seu bebê, imagina que ela é a mamãe; o menino ao colocar uma máscara no rosto e jogar uma toalha nas costas e amarrar sobre o pescoço, imagina ser um super herói. É através do faz de conta que as crianças se expressam e se divertem enquanto criam suas histórias.

Nas escolas brasileiras o teatro também deveria ser inserido no currículo como um recurso pedagógico importante, pois permite ao aluno observar, concentrar e atuar livremente, depositando ali seus sentimentos e desejos. O docente pode incentivar seus alunos a criarem suas próprias histórias, num ambiente preparado e estimulador, e também a interpretarem histórias da literatura brasileira, criando cenários e vestimentas de acordo com o enredo. Vale ressaltar que a criança chega à escola sabendo se expressar devido suas brincadeiras rotineiras, e é de extrema importância o professor não ignorar isto, ou seja, cabe a ele saber utilizar este lúdico a favor da sua prática pedagógica.

O teatro permite a socialização, auxilia no vocabulário do aluno, o trabalho em grupo, melhora na memorização, improvisação, ajuda as crianças tímidas a se desinibirem de acordo com o seu tempo, estimula a imaginação, criatividade, melhora na escrita devido ao incentivo à leitura, e permite o aluno a ter boa expressão corporal, etc, são vários os benefícios. Mas para que essas qualidades se façam presentes na vida dos alunos, é necessário que a escola trabalhe e desenvolva esses conceitos sempre, pois entendemos que fazer encenações somente em datas comemorativas não é possível adquirir todo aprendizado necessário que tal linguagem aborda (TEBEROSKY; COLL, 1999).

## **RECURSOS AUDIOVISUAIS**

Analisando o significado desta expressão no Dicionário: "Diz-se dos sistemas, meios ou veículos de comunicação, ou de mensagens, que atingem o indivíduo através da vista e da audição, ou da imagem e do som"(AURÉLIO, 1993, p.55).

Essa nova modalidade do século XXI permite o profissional da educação enriquecer sua aula por meio de vários materiais, podendo ser apresentado de forma verbal ou não verbal, sendo eles: cartazes, retroprojeção, músicas, fotografias, filmes, exposições, dentre outros. O aluno com essas aulas aprenderá que poderá buscar mais conhecimento sobre o que está estudando em vários outros recursos, não somente em um livro didático.

Os recursos audiovisuais podem ser ferramentas úteis, desde que o educador se permita sair da sua zona de conforto, como quadro e giz, e seja criativo para mudar, inserindo essa tecnologia em suas aulas e as tornando mais dinâmicas, proporcionando então interação entre professor e aluno, e desenvolvendo nele atenção, compreensão, motivação e direção do pensamento (FERREIRA; JUNIOR, 1975).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com essa pesquisa de revisão de literatura concluímos que a arte sempre esteve presente na história da humanidade, desde os homens primitivos que por necessidade da comunicação desenhavam nas paredes da caverna, até nos dias atuais.

Com o decorrer dos séculos, a arte foi se transformando e passando por várias fases e estilos artísticos. Vindo da Europa, ela ganhou aos poucos, espaço em nosso país, e além da arte já existir fora do âmbito escolar, conseqüentemente passou a fazer parte do contexto escolar através de diversas linguagens, como Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Recursos Audiovisuais. Por conta disso, os educadores que não tinham experiência nesta área, tiveram que se habilitar para poder oferecer aos alunos um conteúdo mais qualitativo.

No Brasil, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394/96, vimos que a Arte no início era integrada na escola como Educação Artística, ou seja, uma atividade, pois não era vista com tanta importância. Somente mais tarde, ocorreram mudanças na Lei, fazendo com que a antiga educação artística se tornasse obrigatória na educação básica de ensino, sendo reconhecida, portanto como uma disciplina, fazendo parte então do currículo escolar, e tendo que ser mais tarde trabalhada com os três eixos norteadores: a produção (quando o aluno tem espaço para criar, executando na prática o conhecimento), a fruição (quando ele aprecia seu próprio trabalho artístico, e também contempla as obras de seus colegas e de outros artistas), e a reflexão (é o momento em que o educando absorve de fato o conhecimento por meio da contextualização do tema abordado).

Sabemos que a escola e grande porcentagem de professores somente ensinam seus alunos a desenharem e pintarem num simples papel, e percebe-se que alguns ainda não estão preparados para aplicar tal conhecimento, desvalorizando então esta disciplina.

Assim como as outras Áreas do conhecimento (Português, Matemática, História, Geografia, etc.), a Arte também deveria ser vista com a mesma importância das demais, pois ajuda a desenvolver no educando a identidade, autonomia, criticidade, desenvoltura, dentre outros; características estas que auxiliam de fato na formação e desenvolvimento do aluno. Além disso, existem conteúdos específicos da disciplina que precisam ser trabalhados na escola.

Ressaltamos por fim, que a escola deve entender de fato que é necessário levar para dentro toda cultura artística que existe fora do âmbito escolar, sendo inserido através dos três níveis da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), ensinando desde sua origem, suas técnicas, conceitos, etc.; possibilitando o aluno absorver tal conhecimento e até se tornar mais criativo, expressivo e autônomo em seus feitos com a arte, proporcionando-o posteriormente desenvolver-se de forma motora, cognitiva e afetiva. Sendo assim, a escola permitirá ao educando adquirir novos olhares, auxiliando numa melhor qualidade no ensino-aprendizagem em todos os aspectos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/Secretaria da Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1º-4ºs. v.6, e.2, 1997, 130p.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/Secretaria da Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 5º-8ºs. v.7, e.3, 1998a, 116p.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a educação infantil: Conhecimento de mundo/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF. v.3. 1998b, 269p.
- BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança, São Paulo: Peirópolis, 2003, e.2, 204p.
- CARNEIRO, Moaci Alves. LDB fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998c. 220p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário Aurélio: da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, 3.ed. 577p.
- FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; JUNIOR, Plínio Dias da Silva. Recursos audiovisuais para o ensino.2.ed. São Paulo/SP. EPU, 1975, 134p.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998, 197p.
- ROSA, Nereide Schilaro Santa; SCALÉA, Neusa Schilaro. Arte-Educação para professores: teorias e práticas na visitação escolar Rio de Janeiro: Pinakothek, 2006. 117p.
- TEBEROSKY, Ana; COLL César. Conteúdos essenciais para o ensino fundamental: Aprendendo Arte. São Paulo: África, e.1, 1999, 256p.
- ZAGONEL, Bernadete. Arte na educação escolar. Curitiba: Ibpex, 2008, 143p.

## A ARTE COMO METODOLOGIA EDUCATIVA ART AS AN EDUCATIONAL METHODOLOGY EL ARTE COMO METODOLOGÍA EDUCATIVA

Andreia Arleide Alves de Lima  
luizalimapv@gmail.com

LIMA, Andreia Arleide Alves de. **A arte como metodologia educativa.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.29, p. 37 –46, novembro/2023.

### RESUMO

O presente artigo discute o conceito de arte e seus aspectos, assim como o conceito de arte- educação e suas potencialidades. O artigo traça também um rápido histórico sobre a arte-educação e busca, através da constante relação entre teoria e exemplos práticos, de diversas linguagens artísticas, refletir sobre o papel que a arte pode desempenhar no estudo de outras áreas do conhecimento humano. Dentre as principais referências, estão John Read, Jorge Coli, Ana Mae Barbosa, Marisa Silva e Ney Wendell.

**Palavras-chave:** Arte,. Educação. Arte-educação.

### ABSTRACT

This article discusses the concept of art and its aspects, as well as the concept of art education and its potential. The article also provides a quick history of art education and seeks, through the constant relationship between theory and practical examples, of different artistic languages, to reflect on the role that art can play in the study of other areas of human knowledge. Among the main references are John Read, Jorge Coli, Ana Mae Barbosa, Marisa Silva and Ney Wendell.

**Keywords:** Art,. Education. Art education.

### RESUMEN

Este artículo analiza el concepto de arte y sus aspectos, así como el concepto de educación artística y su potencial. El artículo también ofrece una breve historia de la educación artística y busca, a través de la relación constante entre teoría y ejemplos prácticos, de diferentes lenguajes artísticos, reflexionar sobre el papel que el arte puede jugar en el estudio de otras áreas del conocimiento humano. Entre los principales referentes se encuentran John Read, Jorge Coli, Ana Mae Barbosa, Marisa Silva e Ney Wendell.

**Palabras clave:** Arte,. Educación. Educación artística.

### INTRODUÇÃO

Alguns se referem à arte-educação como ensino da arte. O que tem sido bastante criticado pelos estudiosos, segundo os quais ensino da arte é, simplesmente... ensino da arte, uma vez que trata-se de uma área do conhecimento, conforme veremos mais adiante. Se não falamos, por exemplo, *matemática- educação, história-educação, por que arte-educação?* Uma outra definição para o termo é a utilização da arte como instrumento para abordagem de temas de áreas diversas. É nesse sentido que trataremos no presente artigo, que visa refletir sobre o conceito de arte e alguns de seus elementos constitutivos; e discutir sua aplicação na abordagem de princípios e conteúdos referentes a outras áreas do conhecimento humano.

### A ARTE E SEUS ELEMENTOS

Antes de discorrermos sobre arte-educação, faz-se necessário refletir sobre a arte e seus aspectos. Iniciamos por duas obras de consulta básica para maioria das pessoas. Para o dicionário Aurélio (1993), a arte é a “Capacidade que tem o homem de, dominando a matéria, pôr em prática uma ideia (grifos nossos).” Desta definição podemos extrair duas primeiras ideias: concretização de algo abstrato (transformar ideia em matéria) e domínio de um

elemento, de uma fazer.

Já a enciclopédia virtual wikipedia conceitua arte da seguinte maneira:

Do latim *ars*, significando técnicas e/ou habilidade) geralmente é entendida como a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada a partir da percepção, das emoções, e das ideias (grifos nossos), com o objetivo de estimular essas instâncias da consciência e dando um significado único e diferente para cada obra. (WIKIPÉDIA, 2023)

A Wikipedia também se refere ao domínio de um fazer (técnica e habilidade). Além disso, associa arte ao ser humano e sua capacidade de comunicação e introduz neste artigo a noção de estética, um tipo de relação não somente racional com a obra artística, mas que envolve também outros aspectos do ser humano, tais como emoção, percepção, dentre outros. São expressos pelo realizador da obra para estimular esses mesmos aspectos naquele que usufrui dela. Ou seja, a definição acima também aborda os dois *lados* da obra artística: o artista e o espectador, e chama atenção para o fato de que, para cada pessoa, a arte possui um significado único.

Por fim, segundo Jorge Coli, professor de História da Arte da UNICAMP:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem'. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. Entre a complexidade do mundo e a complexidade da arte existe uma grande afinidade. (COLI, 1995, p.109)

Coli retoma a referência ao caráter humano da arte e à noção de expressão de uma série de aspectos humanos, aos quais ele acrescenta a relação do indivíduo com o mundo que o rodeia. Relaciona o universo interior ao universo externo ao ser humano. Aqui encontra-se também a ideia de habilidade para a construção de meios de aguçar o indivíduo para a apreensão do mundo. O que nos sugere a necessidade de técnicas e conhecimentos por parte daqueles que produzem arte.

Munidos destas três definições e levando em conta as observações acerca delas, listamos a seguir uma série de elementos da arte que contribuirão para reflexões posteriores acerca da arte-educação.

A primeira observação a ser feita refere-se à relação entre abstração e concretude na obra artística. Há quem acredite que a arte trabalha com abstração. Na realidade a arte trabalha com concretude. Lida, sim, com todos os tipos de ideias, sensações, emoções, crenças e outros conceitos abstratos, mas transforma tudo isso em algo concreto: cores, tintas, traços, gestos, palavras... Como exemplo disso, pensemos no tema *sofrimento da guerra*. Para cada pessoa, essas palavras vão evocar uma imagem, uma ideia. E cada uma vai concretizá-la de uma maneira. Pablo Picasso a concretizou assim:

Figura 1 – Guernica - Pablo Picasso





Fonte: <http://guerra-arte.blogspot.com.br/2011/06/guernica-picasso.html>

Pensando nisso, torna-se clara a necessidade de domínio de uma habilidade ou técnica para tornar uma ideia *tangível* para quem a aprecia, como citaram as três definições anteriormente descritas. Isto porque a arte é uma área do conhecimento humano e, como tal, possui saberes específicos. Isso implica no fato óbvio de que, quanto mais se conhece algo, mais domínio se tem sobre ele. Mesmo aquele que não pretende se tornar um artista profissional, mas tem a intenção de utilizar a arte com fins educacionais, alcançará melhor seus intentos à medida em que amplia seus conhecimentos acerca desta área. Daí a importância não só de atividades formativas, como de se criar um hábito de apreciação estética. Vale salientar que não se trata de aprender uma forma *correta* de se fazer arte, porque não existe tal coisa, mas de saber que tudo o que for feito comunicará algo a alguém. E que, quanto maior o *vocabulário artístico*, mais elementos terá o artista para expressar suas ideias, emoções e sentimentos. Além disso, amplia-se a chance de sair do lugar comum, das ideias óbvias.

Existe uma espécie de lenda envolvendo o quadro de Picasso apresentado anteriormente. Ele foi inspirado no bombardeio sofrido pela cidade espanhola de Guernica em 26 de abril de 1937 por aviões alemães, apoiando o ditador Francisco Franco. Dizem que um militar envolvido na guerra, ao vislumbrar o quadro, teria se impressionado com sua força e perguntado a Picasso: “Forte esse quadro! Foi você quem fez?”. E Picasso teria respondido: “Não. Foram vocês.” Ora, Picasso (ou quem inventou a história, se foi o caso) não queria dizer isso de maneira literal, mas no sentido de que a guerra o provocou a pintar aquele quadro. O sofrimento com o qual ele se deparou foi marcante a ponto de criar a necessidade de realizar aquela obra.

Várias são as razões que levam à construção de um produto artístico: inspiração, ideia, encomenda externa, dentre outras. No entanto, ele expressará a percepção de mundo do artista que o criou e será percebido de forma particular por cada espectador. Cabe aqui uma observação importante acerca do uso da arte com fins educacionais. Se expressamos nossa

percepção de mundo, estão inclusos nessa percepção elementos que, muitas vezes, não tínhamos a intenção de expor ou nem sabíamos que possuíamos. Isso inclui mitos, preconceitos, crenças.

Tomemos como exemplo uma peça publicitária da loja Mariza, realizada no período próximo ao dia dos namorados e cujo objetivo era vender *lingerie*, abordando o tema de forma divertida e irreverente. Para isso foi criado o seguinte texto:

No Brasil, existem 96 mulheres para cada 100 homens. Desses 100, 12 não gostam do assunto. 1 tem um *poodle*. 5 moram com a mãe. 13 têm medo de barata. 8 palitam os dentes. 13 preferem fazer declaração do imposto de renda a sexo. 8 nunca mandaram flores para uma mulher. 7 homens acham que preliminares são frescura. 10 gostam de cueca com vinco. 6 secam o cabelo com secador. 3 usam polchete. 5 fazem a unha. 17 são casados. 1 é casado e fiel. Sobra, portanto, um homem para cada 96 mulheres. Melhor você caprichar. Primavera/verão Marisa. (<http://www.youtube.com/watch?v=6Nrl6DU9soE>)

A peça alcança o objetivo de vender *lingerie*, tratando do assunto com humor. No entanto, podemos encontrar muitas outras ideias veiculadas juntamente com a mensagem geral do texto. Uma delas é a de que a mulher, necessariamente, está em busca de um homem. Além daquelas que não buscam um relacionamento (a quem a peça não se dirige, uma vez que trata-se de um produto para o dia dos namorados), o produto não leva em conta mulheres que se relacionam com mulheres. O que do ponto de vista comercial seria interessante, uma vez que um casal de mulheres duplica o número de clientes potenciais da loja. A propaganda especifica o tipo de homem que uma mulher procura. Então excluem-se homens que têm *poodle*, fazem as unhas, utilizam secadores de cabelo, moram com a mãe, usam pochete... Por que um homem não pode fazer nada disso? O que define um homem?<sup>4</sup> Por fim, no vídeo da propaganda, aparecem diversas mulheres utilizando a *lingerie* da loja. São todas magras, altas, brancas, com cabelo liso comprido. De forma que a propaganda também especifica o que é ser mulher.

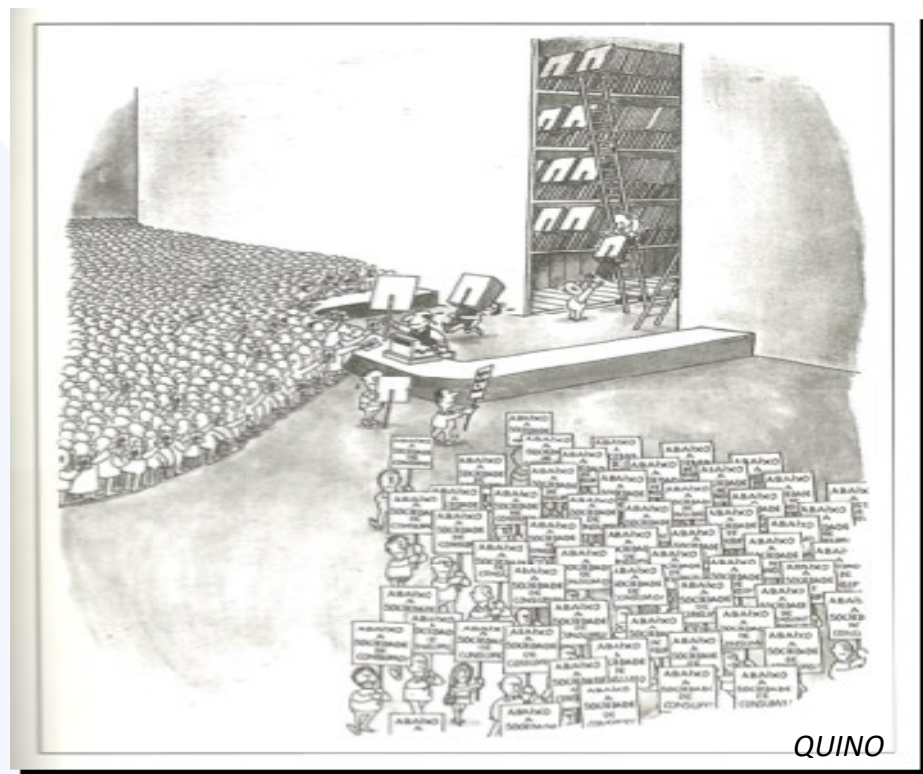
Acrescentamos, portanto, à necessidade de conhecimento da técnica, a importância da constante autorreflexão. Como orientações práticas, sugerimos a busca por olhares externos, que possam dar feedbacks acerca da obra artística e o uso de referências oficiais, tais como leis, tratados, obras atualizadas sobre o assunto, consulta a estudiosos dos temas. É importante ressaltar que, muitas vezes, o objetivo não é expor as ideias pessoais, mas discutir conteúdos específicos e informações precisas. É preciso estar atento às discussões mais recentes a respeito de um tema. Um exemplo clássico disso é dizer “Não discrimine o aidético”. A frase é bem intencionada, mas a expressão *aidética* carrega em si uma grande carga de preconceito e, por isso, evita-se sua utilização.

A arte acessa, tanto para quem faz, quanto para quem usufrui, diversos elementos da natureza humana, como já dito anteriormente. Para cada indivíduo, terá um significado diferente, resultante da combinação entre nossa percepção sensorial e nossas referências simbólicas: memória, cultura, imaginação, mitos, sentimentos etc. Na música *Paratodos*, Chico Buarque traz uma série de referências simbólicas acerca de sua origem. Ele lista um pai paulista, um avô pernambucano, um bisavô mineiro, um tataravô baiano, que não necessariamente dizem respeito a sua genealogia familiar, mas a uma genealogia simbólica, humana. A partir daí cita diversas outras referências musicais, como que descrevendo uma

genealogia musical sua. Tudo culmina na afirmação de uma identidade como *artista brasileiro*. Tais referências estão presentes no texto, mas também na musicalidade, com arranjos e harmonia inspirados na cultura brasileira. De forma simples e simbólica, Chico Buarque fala de sua formação enquanto indivíduo e artista através do texto, das imagens provocadas por ele e da sonoridade.

Como vemos, na arte tudo adquire significado. Falamos através do discurso e do veículo. Um acorde pode comunicar tanto quanto uma frase. Uma imagem pode dizer mais do que um texto de muitas páginas, como na charge de Quino (2004) exposta abaixo:

Figura 2 – Abaixo a sociedade de consumo



Fonte: Quino, 2004

Para discutir outro aspecto da arte, imaginemos uma cena de teatro em que um ator manipula um objeto qualquer, como um lápis, por exemplo. Nesta cena ele pode utilizar o lápis em sua função corriqueira, para escrever, mas também pode fazer de conta que aquele objeto é um cigarro, um telefone, uma arma... Ao fazer isso ele ressignifica o objeto e propõe uma ressignificação do mundo. Se um lápis pode ser uma outra coisa, o mundo tal qual conhecemos pode ser diferente.

A liberdade que a arte possui de inverter, deslocar, ressignificar confere a ela um caráter transgressor, necessário dentre outras coisas, para questionar valores pré-estabelecidos da sociedade. É interessante, para quem trabalha com educação, conhecer a importância do *deseducar*. Levando-se em conta que educação se dá com base nos valores de determinada sociedade em determinada época, não é difícil listar valores antes considerados oficiais e atualmente questionados. Na época da escravidão, por exemplo, as pessoas eram educadas para serem escravistas ou escravos.

As ideias podem ser transgredidas de várias formas, artísticas ou não. Mas a arte é, sem dúvidas, um excelente exercício de liberdade, uma vez que cada obra de arte cria suas próprias regras no exato momento em que se constrói. Neste caso, amplia-se o poder criador do espectador, que completa a obra que aprecia, com suas próprias referências.

Lembremos, por fim, da diversidade de linguagens existentes no campo das artes: Música, Teatro, Dança, Circo, Artes plásticas (pintura, escultura, xilogravura etc), Cinema, Fotografia, Literatura, Radio, Video... Cada uma dessas linguagens se desdobra em subdivisões, estilos, linhas, estéticas. Mais uma vez salientamos que quanto mais conhecemos, mais aumentamos nosso repertório de possibilidades.

## ARTE-EDUCAÇÃO – HISTÓRICO

Foi Herbert Read, poeta e crítico de arte britânico, que cunhou a expressão *educação pela arte*. Segundo ele, a educação deveria passar pelos sentidos, membros, músculos dos educandos e não resumir-se a ideias abstratas, associando-a com a função imaginativa, muito presente entre as crianças e os artistas.

As ideias de Read relacionam-se com as de John Dewey, para quem a arte distante da vida comum torna-se desinteressante.

Para John Dewey, a compreensão da experiência estética verdadeira passa pela consideração de seu "estado bruto" quanto às formas de ver e ouvir como geradoras de atenção e interesse, e que podem ocorrer tanto a uma dona de casa regando as plantas do jardim quanto a alguém que observa as chamas crepitantes em uma lareira. (...) a visão de Dewey sobre a arte reclama pelo total engajamento do artífice em relação ao produto que fabrica, assim como pela consciência sobre o seu processo.

Nos anos 1940, a educação artística tradicional utilizava as artes visuais como principal linguagem e considerava a arte na escola como atividade complementar voltada para a distração. Somente nos anos 60 os conteúdos artísticos foram organizados, quando também iniciaram-se os cursos de licenciatura em artes.

Ainda na década de 60, na Inglaterra, foram lançados os fundamentos teóricos da DBAE (*Discipline Based on Art Education*), que buscava, “com o desenvolvimento do fazer artístico, a leitura do nacional e de sua História, a solidificação da consciência da cidadania do povo” (SILVA, 1999, p.50). O ensino da arte requer as quatro instâncias do conhecimento: a produção, a crítica, a estética e a história da arte e apresenta a inclusão de características bastante comuns na prática artística, que envolvem incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, improvisação, visualização e dinamismo nos processos de pesquisa.

No Brasil, Ana Mae Barbosa renovou, na década de 80, o ensino da arte, com sua proposta triangular, segundo a qual deve-se levar em conta as seguintes dimensões: apreciação, produção e contextualização. Esta proposta parte do princípio de que através da produção de arte a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais; a História da Arte ajuda as crianças a entenderem o lugar e o tempo nos quais as obras são situadas; e a análise ou a leitura da obra de arte familiariza a criança com a gramática visual, as imagens fixas e móveis etc. (Idem, p.51).

Na década de 90, a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, da

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a qual colaboraram educadores do mundo inteiro, formulou o *Relatório Jacques Delors – RJD*, publicado no Brasil sob o título de *Educação – um tesouro a descobrir* (2000).

Segundo o Relatório, a educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; aprender a ser, via essencial que integra as três anteriores.

As artes, pelas suas potencialidades integradoras, oportunizam ao ser humano o desenvolvimento de competências para a vida, sejam elas cognitivas (aprender a conhecer), sociais (aprender a conviver), produtivas (aprender a fazer) ou pessoais (aprender a ser), pois, há uma experiência estética viva e que favorece a inter e transdisciplinaridade, seja como disciplina em uma instituição de ensino ou como tema/método numa ação transversal. (WENDELL, 2010, s/p)

Atualmente, considerando-se que não se separa arte da educação no processo transformador do indivíduo, cunhou-se a expressão *arte educação*, que considera que o processo educativo não é separado por espaço formal de educação, podendo acontecer em assentamentos, aldeias, sindicatos etc. Desta forma, o arte educador não é somente aquele com formação em licenciatura. Pode ser, por exemplo, um mestre da cultura popular.

Hoje em dia, as artes estão sendo utilizadas como metodologia em diversas outras áreas do conhecimento, presentes como meio para apreensão ou vivência de conteúdos diversos, e também como área fim e específica para o aprendizado eixo de cada uma das artes. Isto é visível no exemplo da educação escolar, em que as artes estão na maioria das disciplinas como técnicas corporais, visuais, interpretativas etc., além de estarem nos projetos especiais com produtos ou vivências estéticas. Mas, é também uma disciplina específica para o aprendizado teórico e prático de cada experiência artística, seja teatral, coreográfica, visual ou musical. Já nas ONGs as artes entram como metodologia na formação para a cidadania, na educação de valores ou nas diversas produções temáticas, unindo-se a experiência de formação de crianças e jovens artistas. (Idem)

Para o presente artigo vamos tomar como conceito de arte-educação o que foi dito pelo Coordenador da Rede Brasileira de Arte-educadores Ney Wendell (2010):

Processo pedagógico que se utiliza da ferramenta artística para uma educação dedicada ao ser humano em suas habilidades criativas, suas relações emocionais, sua manifestação potencial e sua sociabilidade. Determinando-se como um facilitador para que o conteúdo aplicado seja prazeroso, lúdico e criativo, e que ocorra transformações a nível físico e psíquico integralmente. (Idem)

Wendell destaca o processo educativo nas duas dimensões abordadas anteriormente por este artigo: para quem realiza a obra de arte e para quem dela usufrui.

## POR QUE ARTE-EDUCAÇÃO?

Considerando os conceitos de arte e arte-educação discutidos até agora e de seus elementos até aqui pontuados, listamos algumas potencialidades do uso da arte como estratégia ou metodologia na abordagem de conteúdos de disciplinas diversas.

- Possui capacidade de seduzir e mobilizar.
- Facilita a abordagem de temas que são, em geral, tabus.
- Permite ver ilustradas situações cotidianas.
- Permite também o questionamento de padrões e valores estabelecidos.
- Atinge o indivíduo (tanto quem apresenta quanto quem aprecia) em todos os níveis: racional, físico, emocional, espiritual e social.
- Além do contato consigo mesmo, experimenta-se o contato com o outro também em sua plenitude.
- Exercita o trabalho coletivo.
- Permite o contato com manifestações culturais de seu povo e de outras localidades.
- É prazerosa, lúdica.
- Torna-se também sedutor para instituições financeiras (por seu potencial no que se refere a visibilidade).

Metodologia é uma palavra composta por três vocábulos gregos: metá (para além de), odos (caminho) e logos (estudo). O conceito faz alusão aos métodos que permitem obter certos objetivos. Com base nisso, fazemos aos educadores que pretendem valer-se da arte no processo de ensino/aprendizagem a seguinte pergunta: qual é o seu objetivo? Se, como foi dito, na obra de arte não há certo e errado e ela mesma cria as regras enquanto se constrói, o que vai orientar as escolhas do educador serão seus objetivos. Vamos ao exemplo.

Em homenagem ao Dia Mundial de Luta Contra à Aids, comemorado 1º de dezembro, o Ministério da Saúde do Brasil participou do evento World AIDS Day 2008, realizado todos os anos em Washington, Estados Unidos, com a mostra I Festival Internacional de Humor em DST e Aids.

Ao reunir 300 cartuns sobre Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis, o objetivo é fazer do humor um instrumento de fixação da ideia de que a saúde é coisa séria. A partir de uma abordagem criativa, os desenhos animados usam o riso para tratar temas como prevenção, tratamento e direitos humanos dos portadores dessas doenças.

Eis algumas imagens resultantes do Festival:

Figura 3 – Cartoons do Festival Internacional de Humor em DST e AIDS



Fonte: <http://www.ccs.saude.gov.br/aids/mostra/images/galeria/galeria.html>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A própria opção por esta ou aquela linguagem artística pode ser feita com base nos objetivos do educador, não somente pela afinidade do realizador.

Para finalizar, citamos um trecho referente às artes dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 5a a 8a séries, da Secretaria de Educação Fundamental:

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de 5a a 8a série: arte. Brasília: MEC-SEF, p.20, 1998.

DELORS, Jacques. Educação Não: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação São para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

ARTE. In: Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

READ, Herbert. A Educação pela arte. Trad.: Ana Maria Rabaça e Luiz Felipe Silva Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SILVA, Marisa Tsubouchi. Ensino de Arte nos Estados Unidos e no Brasil. In Comunicação & Educação, São Paulo (14), 49 a 52, jan./abr. 1999.

WENDELL, N. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <iaravillaca@gmail.com> em 20 mai. 2022

WENDELL, N. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <iaravillaca@gmail.com> em 21 mai. 2022

IMAGENS:

QUINO. Bem, obrigado. E você? Trad.: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



## ARTE-EDUCAÇÃO: A RELEVÂNCIA DA ARTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

### ART EDUCATION: THE RELEVANCE OF ART IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

### EDUCACIÓN ARTÍSTICA: LA RELEVANCIA DEL ARTE EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE

Andreia Arleide Alves de Lima  
luizalimapv@gmail.com

LIMA, Andreia Arleide Alves de. **Arte-educação: A relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.29, p. 47 –55, novembro/2023.

#### RESUMO

Este artigo pretende trazer a ideia de arte-educação como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da formação de ideias e expressão da criatividade, causando assim a promoção de uma aprendizagem significativa. Vem refletir acerca do real significado do aprendizado da arte no cotidiano escolar e sua relevância na formação do aluno. Consiste em reforçar a arte-educação como matéria escolar essencial para valorização do pensar no cotidiano educacional, sem tratá-la como aula de lazer ou para ser utilizada somente em datas comemorativas. O presente artigo busca contribuir para uma visão voltada à educação e a arte como intrínsecas no processo de ensino e aprendizagem, repensando no sistema educacional e na forma como a arte-educação tem sido desenvolvida em sala de aula. Para tal foi desenvolvido com base em uma revisão bibliográfica e pretende colaborar para reflexão acerca do ensino da arte e sua colaboração para o aprendizado e formação plena do aluno.

**Palavras-chave:** Arte, Educação, Aprendizagem Significativa, Expressão.

#### ABSTRACT

This paper aims to bring the idea of art education as a pedagogical tool for the development of the formation of ideas and of expression of creativity, causing the promotion of meaningful learning. There is the study of the real meaning of the art of learning in everyday school life and its relevance in the education of the student. It is to strengthen art education as essential to schools for enhancement of educational thinking in everyday life, without treating it as a leisure class or to be used only on commemorative days. This paper contributes to a vision to education and art as intrinsic in the teaching and learning process, rethinking the educational system and how art education has been developed in the classroom. For this, it was developed based on a literature review and intends to contribute to argumentation about the teaching of art and its collaboration for learning and full student education.

**Keywords:** Art, Education, Learning Meaning, Expression.

#### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo acercar la idea de la educación artística como herramienta pedagógica para el desarrollo de la formación de ideas y expresión de la creatividad, promoviendo así el aprendizaje significativo. Se trata de reflexionar sobre el significado real de aprender arte en el día a día escolar y su relevancia en la formación de los estudiantes. Consiste en reforzar la educación artística como materia escolar imprescindible para potenciar el pensamiento en la vida educativa cotidiana, sin tratarla como una clase de ocio ni para utilizarla únicamente en fechas conmemorativas. Este artículo busca contribuir a una visión centrada en la educación y el arte como intrínsecos al proceso de enseñanza y aprendizaje, repensando el sistema educativo y la forma en que se ha desarrollado la educación artística en las aulas. Para ello, se desarrolló a partir de una revisión bibliográfica y pretende contribuir a la reflexión sobre la enseñanza del arte y su colaboración para el aprendizaje y formación plena del estudiante.

**Palabras clave:** Arte, Educación, Aprendizaje Significativo, Expresión.

#### INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea demanda certas atitudes para que se possa acompanhar suas atualizações constantes e mercado de trabalho, visto que o sistema atual é capitalista. O imediatismo e a praticidade são cada vez mais buscados nas ações cotidianas e dentro deste contexto observa-se que a arte acaba não ocupando o espaço necessário, por falta de conhecimento ou tempo hábil, tanto na vida social quanto no âmbito escolar, fazendo com que

ao longo dos anos a arte não seja tratada com a devida importância.

Este artigo busca trazer a reflexão de arte-educação como ferramenta essencial para a formação do ser no processo de ensino e aprendizagem. Vem colaborar para uma nova visão acerca das aulas de arte, buscando desfazer alguns conceitos de que são somente um passatempo, mas sim, têm um grande poder pedagógico quando bem utilizadas, sendo elas responsáveis por proporcionar ao indivíduo a oportunidade de expressar ideias e exercer sua criatividade.

Foi desenvolvido com base em uma metodologia de revisão bibliográfica que utiliza autores como: Dermeval Saviani, Rosa Iavelberg, Ana Mae Barbosa, João Francisco Duarte Júnior, entre outros. Tem como objetivo geral evidenciar a relevância das aulas de arte como auxílio pedagógico para a formação do ser. Formação esta que visa o desenvolvimento da capacidade crítica, criativa e humana. Justifica-se por buscar contribuir para a formação de profissionais da educação, assim como, para as demais pesquisas científicas na área. Sendo assim traz um olhar da arte no contexto de ensino e aprendizagem considerando os alunos em sua totalidade e em sua formação como ser humano. Busca refletir acerca da formação completa do aluno em sentido à humanização e desenvolvimento de suas expressões.

O artigo está dividido em três sessões e são elas: Arte e Educação, na qual serão contemplado conceitos e significado dos dois assuntos e a ligação entre eles; Escola e formação de professor que trará a arte no contexto atual escolar e a formação inadequada do professor; Aluno e a arte, que abordará a visão do aluno e uma possível ressignificação da mesma.

## **Arte e Educação**

Antes de discorrer sobre o tema abordado é válido introduzir os conceitos de arte e educação, para alguns autores. Segundo Barbosa (2006) a arte é a criatividade e desenvolvimento cognitivo que leva a atos e ideias. Em comparação com a visão de Duarte Junior (2007), a arte objetiva expressar a visão humana em uma criação, ou seja, busca externalizar a percepção de mundo do indivíduo, suas ideias e emoções. Educação, por sua vez, traz o conceito de transferir conhecimento, desenvolvimento das habilidades sociais e o crescimento intelectual, buscando a formação do ser como cidadão que consegue se posicionar tendo a real noção da realidade em que vive (SAVIANI, 2002). Para Aranha (2002), a educação é o fator que promove a humanização, socialização e aperfeiçoamento das atividades.

Com a junção tem-se a chamada arte-educação, que possui o hífen por parte da autora Ana Mae Barbosa que o inseriu quando a arte foi introduzida na educação na década de 70. A intenção da autora foi criar uma ligação mútua entre as palavras para que os educadores, que não aceitavam bem a ideia, conseguissem enxergar essa união de arte com educação. A arte foi introduzida no sistema educacional, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de nº 9.394, que,

No parágrafo II do artigo 26, trata o ensino da arte como sendo obrigatório; viabilizando-se assim a arte como ferramenta pedagógica no processo de ensino e aprendizagem através da expressão de ideias e estímulo da criatividade do indivíduo.

A arte tem a capacidade de uma atuação multifuncional em relação à educação, podendo ser utilizada para o trabalho de várias questões e disciplinas:

Arte-educação é uma área de estudos extremamente propícia à fertilização interdisciplinar e o próprio termo que é digno de nota pelo seu binarismo a ordenação de duas áreas num processo que se caracterizou no passado por um acentuado dualismo, quase que uma colagem das teorias da educação ao trabalho com material de origem artística na escola, ou vice e versa, numa alternativa de subordinação (BARBOSA, 2006, p. 12 e 13)

Desde que o ser humano passou a pensar através da razão, buscando-a para todo e qualquer fenômeno que ocorra, a sociedade passou por modificações como o capitalismo, o consumismo, entre outros. Assim passa-se a trabalhar mais e ter menos tempo para o imaginário e utópico. Esta condição começa pelas escolas, em que a arte está cada vez mais dispersa e perdeu-se o sentido de expressão de ideias livres. Com isso, se desenvolve cada vez mais uma massa de pensamentos pré-produzidos na qual não se tem conhecimento o suficiente para o aperfeiçoamento de uma estrutura social crítica. É possível verificar esta realidade na fala de Duarte Junior:

Hipertrofiando a razão gera-se, dialeticamente, um profundo irracionalismo, na medida em que os valores e as emoções não possuem canais para serem expressos e se desenvolver. Assim a dança, a festa, a arte e o ritual, são afastados de nosso cotidiano, que vai sendo preenchido apenas com o trabalho unitário, não criativo, alienante. (DUARTE JÚNIOR, 2007, p. 64).

A arte-educação pretende utilizar a arte no processo de formação humana para dar sentido ao sentir e a percepção de mundo do ser, utilizando-se das emoções e referências simbólicas (cultura, memória, criatividade) do indivíduo. Com isto pretende educar respeitando a cultura herdada e adicionando conhecimento a fim de dar instrumentos ao aluno para que ele venha desenvolver uma capacidade intelectual para saber ser crítico dentro desta mesma cultura.

Segundo o PCN de Arte (BRASIL, 2000) o aluno ao conhecer e percorrer as artes desenvolve potencialidades como percepção, observação, imaginação e sensibilidade, o que influencia em sua percepção de mundo significativamente. Com isto busca concretizar o sentir humano, enfatizando o que não se consegue, geralmente, expressa em linguagem, contemplando a ideia de ressignificação das ideias óbvias, obrigando o indivíduo a ressignificar também sua percepção e interpretação do contexto em que se está inserido. Segundo Duarte Júnior (2007), a arte é um veículo fundamental de educação e tem como finalidade algo além de uma simples apreciação, mas sim, possui valor na relação entre a razão e a emoção.

A arte-educação busca desfazer o contexto educacional atual, onde a arte não está posta como relevante para a educação dando ao aluno o espaço e ferramentas necessárias para que este conheça o mundo e suas mais variadas culturas, ideais e pontos de vista, tornando assim um ser educado para pensar e criar, sabendo como agir perante as desigualdades sociais.

Pretende abstrair o que, por muitas vezes, encontra-se profundamente guardado, como emoções e ideias e concretizar através de cores, tintas, sons, gestos, entre outros (VILAÇA, 2012).

A arte sempre foi classificada, de uma forma geral, como objeto de contemplação, o que faz com que seu valor como ferramenta educacional não seja percebido, sendo vista somente como lazer (BARBOSA, 2006). Por este motivo fica em segundo plano em se tratando de educação, sendo utilizada como aulas de descanso e diversão neste processo, quando na verdade possui um forte poder pedagógico quando utilizada de forma a despertar pensamentos e sentimentos, tanto no professor quanto no aluno.

Nos últimos tempos tem-se visto uma desvalorização ao que se refere ao ensino da arte no âmbito escolar, principalmente, no que tange o ensino médio. O ministério da educação propôs através da medida provisória nº 746/2016 uma reforma para esse nível de ensino alterando o artigo 26 da LDB, fazendo com que a arte deixe de ser obrigatória nos anos finais da escolarização dos alunos. Para o governo federal, o modelo atual de ensino aplicado no ensino médio é desinteressante. Isso causou uma comoção entre os alunos e professores que logo se manifestaram contra a proposta. Fica evidente então, que a arte vem sendo desvalorizada pela própria educação, que deveria ser sua aliada, porém ainda é almejada pelos alunos que a defendem e profissionais da educação que compartilham a mesma opinião.

A educação deve contemplar a formação do ser por completo, não oferecendo somente o saber científico, mas a aprendizagem do intelecto sentimental que o levará ao senso crítico e emocional. O desenvolvimento de emoções e sentimento também deve estar inserido no cotidiano escolar, se tornando importante para o desenvolvimento cognitivo do aluno em relação à formação de opinião.

É possível listar possibilidades do uso da arte como metodologia de ensino e possibilidades de abordagens tais como; mobiliza e seduz com facilidade, chamando sua atenção para determinados assuntos, possibilita a abordagem de temas polêmicos, permite o questionamento de padrões já estabelecidos, desenvolve o trabalho em grupo e o respeito à forma de pensar do outro, permite contato com manifestações culturais, tanto do aluno quanto de outras localidades. Todas essas possibilidades de trabalho com a arte podem ser desenvolvidas de forma lúdica, levando o indivíduo a expressar, por vezes sem mesmo perceber, tudo o que não faria de forma natural (VILAÇA 2012).

Portanto, a arte-educação deve contribuir para a formação do ser humano como crítico, dando oportunidade para que este interaja, e assim respeitar diferentes culturas e pontos de vista. O aluno deve ser estimulado a pensar e criar, para que saiba agir em sociedade conhecendo seus direitos e deveres e sendo preparado para transformar a sociedade onde vive (SAVIANI, 2002). Para tal é necessário que os profissionais da área tenham esta visão de não só educação, mas também formação do ser como um todo.

## **Escola e Formação de Professores**

A educação vem apresentando mudanças e renovações a cada dia e em meio a isto o professor deve estar atento e se esforçar diariamente para segui-las, a fim de proporcionar uma estrutura adequada para o processo de ensino e aprendizagem. Neste contexto, o ensino da arte

foi introduzido na escola, porém a formação de professores não acompanha tal ensino por não proporcionar ao formando uma educação mais complexa acerca do assunto.

O ensino de arte passou a ser obrigatório, como disciplina do currículo escolar, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96 de 20 de Dezembro de 1996 “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica...”. Para orientar as bases curriculares dessa modalidade de ensino, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou e divulgou amplamente os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN, 2000) que em sua introdução dá ênfase ao papel e lugar da disciplina dizendo de sua importante função no processo de ensino e aprendizagem, estando relacionada com as demais áreas do saber. Mesmo com o nível superior específico para arte, as aulas são ministradas pelos próprios professores regulares, causando preocupação pela falta de formação adequada:

Há ainda a necessidade de se discutir a formação de professores para algumas áreas de conhecimento desenvolvidas no ensino fundamental, como Ciências Naturais ou artes, que pressupõem uma abordagem equilibrada e articulada de diferentes disciplinas (Biologia, Física, Química, Astronomia, Geologia, etc., no caso de Ciências Naturais) e diferentes linguagens (da Música, da Dança, das Artes Visuais, do Teatro, no caso de Arte), que, atualmente, são ministradas por professores preparados para ensinar apenas uma dessas disciplinas ou linguagens. (BRASIL, 2000, p. 34).

Posto isto, é possível observar a quantidade de conteúdos nos quais o professor deve se aperfeiçoar, isto somente para as aulas de arte. Ainda precisando se preocupar, segundo Iavelberg (2003), não somente com as competências e habilidades que se deve promover, mas também com a construção humana do ser e seu relacionamento com o mundo. A educação deve objetivar a arte na escola como algo essencial para o aprendizado, tanto para alunos, quanto na formação do professor, sendo uma questão de estrutura:

Porque, em se mantendo a atual estrutura de nossas escolas, a arte ali se torna apenas uma disciplina a mais entre tantas outras. O que está em jogo é a própria estrutura escolar em que a educação é percebida como absolutamente irrelevante pelos educandos. (DUARTE JÚNIOR, 2007, p.74)

As Modalidades Artísticas ou Conteúdos para o ensino de Arte na escola são (BRASIL, 2000, p. 83):

**As artes visuais** que envolvem áreas que se resultaram da tecnologia tais como; pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial, fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação.

**A dança** é considerada um patrimônio cultural que representa o trabalho, lazer e religiões. Tem como objetivo desenvolver a atividade corporal no cotidiano do aluno, buscando desenvolver e valorizar seu aprendizado. São consideradas atividades como; pular, correr, girar, subir; os jogos populares de movimento, as cirandas, as amarelinhas.

**A música** também é considerada patrimônio cultural, pois se associa a culturas de cada ambiente e época conforme as tradições. Devem-se trabalhar referências brasileiras para a

valorização da cultura nacional e também abranger o desenvolvimento de sons e tons, desenvolvendo a sensibilidade do aluno. Este participa como compositor, intérprete, ouvinte e com isto estimula o saber e a criatividade. Nesta área é possível trabalhar com: disco, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade e outros meios.

**E o teatro** que é uma arte milenar formalizada pelos gregos com seus rituais religiosos. Esta área exige um conjunto de corpo, fala e gestos do indivíduo e tem como fundamento expressar os sentidos individuais e grupais.

Que se ressalte que o documento evidencia que o professor não possui a formação adequada em cada área e por isso não se exige uma variação específica dentre elas, cabendo ao professor o planejamento e conteúdos a serem desenvolvidos. Então, por mais que o professor se esforce e busque aperfeiçoamento nesta área, as exigências não se relacionam com o contexto de sua formação. Tais exigências vão sendo atendidas conforme as experiências vividas pelo professor, que nem sempre atendem ao objetivo da arte-educação. Freitas (2012) acrescenta que a arte é utilizada pelo professor somente em datas comemorativas, mostrando assim sua falta de formação especializada e de planejamento para a disciplina, possibilitando um resultado satisfatório para o trabalho com a arte. Talvez fosse o caso, então, de se pensar na inserção de profissionais habilitados nesta área para possibilitar um contato mais profundo do aluno com a arte-educação.

Quando a escola concebe sua proposta pedagógica se visa o sucesso escolar do aluno e para tal é necessário pensar em oportunizar o desenvolvimento, suas habilidades e competências a fim de levá-lo ao aprendizado pleno, não só do que servirá para o mercado de trabalho, mas também o que formará ele para a vida e suas reflexões. Para tal, o professor deve descobrir os interesses e prática de vida de seus alunos. O aluno deve ser pensado como ponto principal neste contexto. Questão esta que será posta a seguir.

## **O Aluno e a Arte**

Até aqui foram abordados conceitos e questões ligadas à arte em âmbito escolar e formação de professores, porém deve-se discorrer acerca do principal interessado, o aluno. É bem comum encontrar alunos que gostem e clamem pelas aulas de artes, porém é necessário investigar se este tem o real conhecimento de sua importância em sua formação, pois, segundo Saviani (2002), a formação e a promoção humana devem ser o objetivo fundamental da educação.

A relevância de introduzir o verdadeiro sentido das aulas de arte aos professores também se faz necessária quando se trata do aluno. Para tal, primeiramente é necessário que se aprofunde na cultura local e na diversidade encontrada em sala de aula para que a arte-educação tenha sentido e traga conceitos novos no cotidiano do aluno. Segundo Iavelberg:

Aprender em arte implica desafios, pois a cultura e a subjetividade de cada aprendiz alimentam as produções e a marca individual é aspecto construtivo dos trabalhos. O aluno precisa sentir que as expectativas e as representações dos professores ao seu respeito são positivas, ou seja, seu desenvolvimento em arte requer confiança e representações favoráveis sobre o contexto da aprendizagem. (IAVELBERG, 2003, p.11)

Portanto, é necessário que o aluno tenha a visão de outras culturas, tendo oportunidade de contato com a diversidade cultural e artística. Ou seja, oportunizar uma cultura que abranja novas visões e sentidos de mundo, assim como interpretações da realidade vivenciada, conforme Freitas (2012).

Quando o aluno estiver devidamente orientado quanto ao verdadeiro significado das aulas de arte e suas competências e habilidades estarem claras tanto para professor, quanto para ele, é necessário estar ciente que, assim como as demais matérias, é possível mesclar e criar um vínculo entre elas, tendo assim à ciência de que a arte-educação deve ser desenvolvida atentamente como as outras matérias, para que esta farsa ideológica que o sistema educacional traz em relação a ela seja desfeita. Um sistema que se ajusta conforme suas próprias necessidades:

Ora, num sistema onde passar de ano, passar nos exames finais do ginásio e passar no vestibular para a escola superior se constituía a meta a ser duramente atingida, as aulas de desenho começaram a ser menosprezadas por serem aulas que “nunca reprovam”. (BARBOSA, 2006 p.92)

Além de atentar-se à cultura local e bagagem trazida pelos alunos para desenvolver uma eficiente aula de arte, também é necessário olhar ao redor e compreender a sociedade contemporânea e suas mudanças significativas. Os alunos estão em constante mutação e a arte-educação pode desenvolver um excelente trabalho neste contexto. A atração da contemporaneidade nem sempre está em compasso com o currículo escolar (FREITAS, 2012).

Quando todo este contexto em que a arte-educação se encontra for revisto dentro do atual sistema educacional, ou em um futuro próximo, quem sabe o aluno entenda que as aulas de arte podem oferecer bem mais que lazer ou momento de refrigério para com as demais matérias, mas sim uma ferramenta de expressão das emoções. Expressão esta que, nos dizeres de Duarte Junior (2007), não deve ser vista como inimiga do desenvolvimento intelectual, mas sim uma aliada.

O aluno então, é o menos favorecido neste contexto. Passa a ser, sem nem estar ciente, o maior prejudicado por não ser oportunizado no desenvolvimento de seu cognitivo e processo criativo, entre tantos outros benefícios que a arte pode trazer em sua formação em vários aspectos:

Será que a arte, na vida do homem, não é algo mais do que simples lazer? (Se bem que o lazer é importantíssimo). Será que, espremida entre as disciplinas “Sérias”, as aulas de arte não estariam relegadas a segundo ou terceiro plano pelo próprio sistema educacional? Será que não haveria uma forma de a arte contribuir mais efetivamente para o nosso desenvolvimento? (DUARTE JÚNIOR, 2007, p.10).

Os PCNs identificam a arte como oportunidade de se criarem sentidos e experiências humanas, ou seja, está relacionada com a aprendizagem significativa tão discutida nos círculos pedagógicos (NASCIMENTO, 2012). É necessário então pensar em uma educação que dê ao

aluno a chance de desenvolver sua criatividade e expressão de ideias. A escola entra como contrapartida ao que a sociedade impõe a estes alunos, devendo oportunizá-los em uma formação artística que possibilita um olhar diferenciado ao que é oferecido pela sociedade.

A professora Vânia Carla de Oliveira Reichert relata na Revista de Relatos de Experiências em Artes (2004), sua experiência com os alunos da educação infantil, de 3 a 6 anos. Foi proporcionado aos alunos diferentes texturas e cores para a confecção e reprodução de telas com o intuito de contextualizar as obras e ressignificar o olhar dos alunos acerca da arte. Depois da experiência a professora relata que percebeu seus alunos mais observadores e atentos às coisas diferentes ao redor, buscando um significado para elas.

Isto posto é possível perceber o quanto a arte pode contribuir para que o aluno desperte o olhar crítico e a forma de expressão de ideias, contribuindo assim para sua formação e para uma educação significativa que trará benefícios no cotidiano escolar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todas estas reflexões apresentadas até aqui merecem uma indagação para ponto de partida destas considerações finais: Então o que pode estar faltando para que a arte-educação dê certo? Talvez a resposta dependa da introdução do saber e pensar em um sistema educacional que não dispõe de interesse em relação ao assunto. Sistema este que atualmente se faz de acordo com o interesse das classes mais favorecidas. A problemática então tem uma raiz bem mais profunda que uma simples formação de professores ou aprendizado por parte do aluno, mas sim tem a ver com a “Caixa de Skinner” que a escola tem se feito.

É tempo de a escola intervir na realidade da sociedade ao invés de somente reproduzi-la. Para tanto, esta precisa repensar seus conteúdos reforçando um aprendizado crítico, tanto por parte do professor quanto do aluno. As intervenções artísticas devem fazer parte do cotidiano escolar, sendo naturais e constantes, a fim de oportunizar novas práticas e experiências ao aluno.

Uma vez que a arte na escola deve propiciar novas práticas para que o sujeito se veja como produtor e criador, fica claro que, então, a função da arte-educação não é condizente com a proposta em se tratando de ensino e aprendizagem. A arte- educação tem sido alvo de desinteresse até mesmo por grandes pensadores da educação brasileira, ou seja, é momento de pensar em formação artística como essencial e intrínseca à formação humana.

Para isto seria interessante implantar novas práticas artísticas no currículo escolar com profissionais adequadamente formados e voltados para as ações contemporâneas que a arte-educação traz, inovando não só o pensamento em relação à arte, mas sim a própria educação. Estas ações devem contemplar as diversas áreas da arte com ênfase no aluno e em seu desenvolvimento cognitivo, motor e principalmente intelectual.



## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da Educação. 2 ed. - São Paulo: Moderna, 2002.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil.-5.ed - São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais:arte/Secretaria de Educação Fundamental.-Rio de Janeiro: DP & A,2002.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BÁSICA LEI 9394/96. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)> Acesso em: 20 de Set. 2023
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. Por que arte-educação? .-6.ed.- Campinas,Sp:Papirus,2007.
- FREITAS, Raquel L. A formação do professor do ensino de Arte na Escola: Uma Construção no Cotidiano da Disciplina. Belo Horizonte. Revista Scias, Arte/Educação. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php>>
- IABELBERG,Rosa.Para Gostar de Aprender Arte: sala de aula e formação de professores.-Porto Alegre:Artmed, 2003.
- NASCIMENTO, Vanderléia S. Ensino de artes: Contribuições para uma aprendizagem significativa. Funarte. 2012. Disponível em : <[http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/artigo-para-submiss%C3%A3o-pela-funarte\\_Vanderl%C3%A9ia-Santos.pdf](http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/artigo-para-submiss%C3%A3o-pela-funarte_Vanderl%C3%A9ia-Santos.pdf)>. Acesso em: 20 de Set. 2023
- SAVIANI,Dermeval.Educação: do senso comum à consciência filosófica.-14.ed.- Campinas,SP:Autores Associados: 2002
- SOUZA, Cleyde A. A. Arte na escola: uma possibilidade de humanização. In:Domínio Público.2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000870.pdf>>. Acesso em: 29 de Agosto. 2023
- VILAÇA, Iara de Carvalho. Arte-Educação: a arte como metodologia educativa. Cairu em Revista, nº 04, Jul/Ago, 2014. Disponível em: <[http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014\\_2/05\\_ARTE\\_EDUCACAO\\_METODOLOGIA\\_EDUCATIVA.pdf](http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/05_ARTE_EDUCACAO_METODOLOGIA_EDUCATIVA.pdf)>. Acesso em: 29 de Agosto. 2023<[http://artenaescola.org.br/uploads/livros/revista/Revista\\_Relatos\\_de\\_Experiencias\\_m\\_Arte\\_jun2014.pdf](http://artenaescola.org.br/uploads/livros/revista/Revista_Relatos_de_Experiencias_m_Arte_jun2014.pdf)> Acesso em: 01 de out.2023



**INTERNATIONAL  
INTEGRALIZE  
SCIENTIFIC**

**Publicação Mensal da INTEGRALIZE**

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC**

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,  
CEP 88032-005.

**Telefone: (48) 99175-3510**

**<https://www.integralize.onlin>**